



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH III
JORNALISMO EM MULTIMEIOS**

VITÓRIA MARIA RODRIGUES MARQUES

CONVERSAS QUE LIBERTAM: A CULPA QUE PERSEGUE MÃES

JUAZEIRO – BA

JUNHO - 2024

VITÓRIA MARIA RODRIGUES MARQUES

CONVERSAS QUE LIBERTAM: A CULPA QUE PERSEGUE MÃES

Memorial descritivo apresentado ao Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo em Múltiplos Meios, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Dalila Carla dos Santos.

JUAZEIRO – BA

JUNHO - 2024

ATA DE APRECIÇÃO DE PARECER DE TCC

Aos três dias do mês de junho ano de dois mil e vinte e quatro reuniram-se nas dependências do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia, situado à Avenida Edgard Chastinet, s/n, bairro São Geraldo, Juazeiro/BA, a Banca Examinadora composta pelo orientador (a) Danieli Paula dos Santos, avaliador(a) Thelma Leanne e avaliador(a) Kalline Flávia Silva de Lima, para julgar o trabalho de conclusão de curso intitulado "Comercial que libertam: a escola que ressurge mãe"

de autoria do(a) discente Victoria Maria Rodrigues Marques.

Após a apresentação e arguições, a Banca deliberou, segundo os critérios estabelecidos no Regimento do TCC e que foram devidamente observados por cada membro da Banca, concluindo pela:

A - aprovação integral (A);

B - aprovação condicionada aos seguintes reparos ():

C - não aprovação (),

com a nota final 10,0. Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Orientador (a) Danieli Paula dos Santos
Avaliador (a) Kalline Flávia S. de
Avaliador (a) Te

Juazeiro, 03 de junho 2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, espero honrá-lo em tudo que eu faço em minha vida. Dedico à minha filha Alisha, ser sua mãe me fez escolher trabalhar esse tema. E dedico a minha mãe, que eu também consiga te honrar em todos os meus feitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Jesus por terem me dado muitas chances de vida, por terem permitido e me sustentado até aqui e ao Espírito Santo de Deus que me guiou em todos os momentos da vida e inclusive neste trabalho, me dando sabedoria, discernimento, capacitação e força para não desistir. O Senhor ouviu meu pedido de socorro, abençoou meu sonho e me tornou mãe de Alisha. Me fez ouvir Tua voz do túmulo, me amou, me perdoou, me lavou com o sangue de Jesus e me batizou com o Espírito Santo. Obrigada Jesus pela Tua vida. Obrigada por me devolver a vida e me apresentar a salvação, obrigada por devolver os brilhos dos meus olhos e as minhas esperanças. Obrigada por me fazer realizar esse sonho, me apresentar novos e por não desistir de mim. Obrigada por me dar uma filha perfeita e me tornar uma mãe tão boa.

Houve uma época em que eu não me via onde estou agora, não me via conseguindo terminar a faculdade, não me via sendo mãe e muito menos me via com a idade que tenho hoje. Obrigada por Tua Graça, Tua bondade e Tua misericórdia. Obrigada por usar o meu pai para me fazer despertar sobre o que eu deveria escrever, quando aconteceu eu estava desesperada por não ter um tema que eu amasse e me identificasse. Obrigada por me dar capacidade de escrever esse trabalho, sem o Senhor eu não teria conseguido. Obrigada por me permitir entregar essa pesquisa e por fazê-la comigo.

Passei a maior parte do curso paralisada, sem perspectiva, sem propósito, sem vontade e sem conseguir dar o meu melhor, não coincidentemente eu não conhecia a Ti. A partir do momento que te clamei tudo mudou e não coincidentemente também minha vida começou a andar, assim como meu desenvolvimento na faculdade. Obrigada por ser um Pai tão maravilhoso, que me ouve, me acolhe, me ama, me perdoa, me compreende, me ajuda, me sustenta e me protege. Toda Honra e Toda Glória a Ti meu Deus. "Dando graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" Efésios 5-20. "Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus" 1 Tessalonicenses 5:18. "Ofereça a Deus em sacrifício a sua gratidão, cumpra os seus votos para com o Altíssimo" Salmos 50:14.

Agradeço a minha mãe Aurilene Rodrigues Lima, que antes mesmo de me gerar, quebrou um ciclo na nossa família ao optar por fazer uma graduação e se formar em uma condição totalmente improvável. Sua formação abriu portas de esperança para toda família e consequentemente para mim. Obrigada por ser minha mãe, por assegurar tudo que uma mãe supostamente ideal deve garantir, obrigada por ser uma mãe ideal para mim e para a senhora.

Obrigada por se comprometer comigo todos os dias, por estar comigo e me apoiar todos os dias, mesmo tendo passado o tempo da sua "obrigação". Obrigada por me garantir um ambiente seguro e estável, obrigada por garantir todas as minhas necessidades básicas e as não básicas através do seu trabalho e seu compromisso comigo, obrigada por me garantir os melhores estudos, as melhores condições de ensino dentro e fora de casa e obrigada por me passar seus valores.

Quando passei no vestibular da UNEB em jornalismo, foi a senhora quem me incentivou a cursar. Lembro que inicialmente eu não queria, mas a senhora me motivou e me enganou dizendo que era um curso que dava dinheiro. Brincadeiras à parte, a senhora defendeu seus argumentos me dizendo o quanto comunicação social era a minha cara e que eu iria ser uma excelente jornalista. Que bom que eu te ouvi mainha, como fui e sou feliz por me graduar em Jornalismo, que área linda, rica e que possui um compromisso sério com a sociedade. Obrigada por estar comigo em todos os momentos da minha vida, obrigada por não medir esforços para me ajudar em tudo que eu precisar.

Entregar esse trabalho também não seria possível sem a sua ajuda, a senhora continua me sustentando financeiramente e me garantindo um ambiente estável e seguro, a senhora abriu mão dos seus tempos livres para ficar com Alisha enquanto eu escrevia, nos momentos em que não pode ficar a senhora pagou uma pessoa para cuidar da minha filha para que eu pudesse estudar e não desistir dos meus sonhos. A senhora custeou todos os gastos que tive para realizá-lo, me deu um tablet para que eu pudesse avançar no meu trabalho e já está toda feliz falando da minha formatura. Obrigada por me dar amor, carinho, acalento, apoio, ajuda, acolhimento, escuta, força e por tanto ensinamento. Todos os dias peço a Deus que eu seja pelo menos a metade da mãe que a senhora é, que honra tê-la como minha mãe, que privilégio. Te amo.

Agradeço a Alisha por ser e me dar motivos para que eu possa continuar tentando, motivos para não desistir e principalmente motivos para exercer com amor tudo que eu faço. Obrigada por me amar, me abraçar, me dar beijinhos, me fazer feliz e me fazer dar risada todos os dias. Filha, ter você na minha vida faz com que tudo se torne possível porque tudo é para você. Seu sorriso e seu olhar faz dos meus dias os melhores, sua existência é meu alimento que me torna cada dia mais forte e feliz. Sua felicidade e seu bem estar são meus principais objetivos. Escrever esse trabalho me permitiu me conhecer mais como mãe e me fez sentir mais amor por você. Não estar tão presente no seu dia-a-dia me fez compreender o tanto que eu preciso de você e de estar perto de você. Todo conhecimento que adquiri acerca

da maternidade transformou minha forma de ver e pensar certos pontos e reforçar outros como por exemplo eu realmente nasci para ser sua mãe. Obrigada minha filha por com tão pouca idade me ensinar todos os dias, ser tão compreensiva e continuar me amando. Você sempre me beija quando acorda, fala eu te amo e aleatoriamente dispara um "own você é linda". Eu sou muito abençoada por ter você, obrigada por me tornar mãe e sua mãe. Te amo.

Permito agradecer a mim mesma, por não fugir da luta, por tomar a decisão mais importante e escolher mudar de vida e por dar o meu melhor a cada dia. Me agradeço por me manter firme nos meus objetivos, tentar todos os dias viver uma vida de disciplina e obediência, por amadurecer emocionalmente e não permitir tantos dramas e distrações. Me agradeço por ser forte e por finalmente entender como viver a vida. Agradeço a mim mesma por ser uma mãe tão maravilhosa. Me amo.

Agradeço ao meu pai Eugênio Marques por ser um pai e um homem tão bom, te agradeço por ter estado comigo no momento mais difícil da minha vida e por me incentivar na minha recuperação. Te agradeço por toda educação que me destes, me ensinar a ter bons valores, respeito e ética. Obrigada por exercer sua paternidade todos os dias e por nunca ter desistido de mim. Obrigada por me ajudar neste trabalho, ele jamais seria possível sem o senhor pois foi o senhor quem me deu inconscientemente esse tema durante suas iniciativas em me ajudar a ser uma pessoa melhor todos os dias. Te amo.

Agradeço à minha orientadora por me aceitar como sua orientanda e por enxergar valor em mim e neste trabalho. Obrigada por toda orientação, carinho e apoio. Agradeço às minhas fontes Alana, Danny e Gina que aceitaram de primeira fazer parte desta pesquisa, por toda disponibilidade, compromisso, ajuda, carinho e por aceitarem se expor para que esse trabalho se concretizasse. Também agradeço à minha antiga psicóloga por prontamente me ajudar com indicações de autores sobre o tema e pela indicação precisa em Vera Iaconelli, pois me permitiu entrar na bolha correta de estudo e facilitou todo o meu estudo.

Por fim quero agradecer a todas as pessoas que dispuseram e que se dispõem a estudar a maternidade, o maternalismo, a mãe e a mulher. Vocês foram essenciais para a realização deste trabalho, obrigada por toda contribuição.

“Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas.

Provérbios 3: 5-6

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a presença da culpa materna durante o puerpério, através da escuta e discussão acerca de seus sentimentos e estados emocionais, mentais e físicos e entender o processo da culpa materna e de que forma ela foi reforçada pela mídia na época. A construção da maternidade aconteceu social e culturalmente por homens que buscavam entender para que servia a mulher. Suas interpretações eram feitas a fim de suprir as necessidades da época, como gerar filhos para manter o funcionamento do sistema e garantir mão de obra, maternar e educar seus filhos para que eles sobrevivam e se tornem bons cidadãos - dessa forma elas se mantinham em casa - e ser responsável pelo espaço doméstico para não competir com os homens no espaço público. Para chegar ao resultado foi preciso fazer uma linha do tempo, a partir da construção social da maternidade no mundo e no Brasil, trazer o papel dos meios de comunicação em meio a essa criação e identificar como surge a culpa materna. A investigação da temática se baseou na revisão bibliográfica e pesquisa participante com abordagem qualitativa. O resultado dessa pesquisa é apresentado por meio de um *videocast* que entrevistou mães sobre seus sentimentos de culpa durante o puerpério e sobre suas concepções acerca da maternidade de acordo com suas profissões e como mães.

Palavras-chave: Maternidade; Culpa; Videocast; Puerpério e Culpa Materna.

ABSTRACT

The present work intends to analyze the presence of maternal guilt during the postpartum period by hearing and discussing their feelings and emotional, mental and physical states and understanding the process of maternal guilt and how it was reinforced by the media at the time. The construction of motherhood happened socio-culturally by men who sought to understand what women were for. Their interpretations were made in order to meet the needs of the time, such as having children to keep the system functioning and guaranteeing labor, mothering and educating their children so that they survive and become good citizens (in this way they remained at home). , and, be responsible for the domestic space so as not to compete with men in the public space. To arrive at the result, it was necessary to create a timeline based on the social construction of motherhood in the world and in Brazil, bring out the role of the media in the midst of this creation and identify how maternal guilt arises. The investigation of the topic was based on a bibliographical review and participatory research with a qualitative approach, the result of this research is presented through a Videocast that interviewed mothers about their feelings of guilt during the puerperium and about their conceptions about motherhood according to their professions and as mothers.

Keywords: Maternity; Guilt; Videocast; Postpartum and Maternal guilt.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. JUSTIFICATIVA	17
3. APROXIMAÇÃO COM O TEMA.....	19
4. APROXIMAÇÃO COM O PRODUTO	23
5. A MATERNIDADE E A CULPA	26
5.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MATERNIDADE.....	26
5.1.1 MATERNIDADE NO BRASIL	33
5.1.2 MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO REFORÇO	34
5.2 A CULPA MATERNA	35
6. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	39
6.1 MÉTODOS	39
6.2 VIDEOCAST	41
6.3 PRÉ-PRODUÇÃO	43
6.4 PERFIL DAS PERSONAGENS	45
6.5 PRODUÇÃO.....	46
6.6 PÓS-PRODUÇÃO	48
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
8. REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO	58
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA SELEÇÃO DE MÃES	60
APÊNDICE C - ROTEIRO DE GRAVAÇÃO E ENTREVISTA.....	63
APÊNDICE D - FICHA TÉCNICA	67
APÊNDICE E - PLANILHA DE CUSTOS	68
APÊNDICE F - LINK DO VIDEOCAST	69
APÊNDICE G – CAPA/ ARTE	70

1. INTRODUÇÃO

Cobranças relacionadas à maternidade surgem quando mulheres desejam engravidar ou se descobrem grávidas. Os motivos para estas cobranças estão além da responsabilidade de gerar uma outra vida, estão na reprodução do discurso social de que toda mulher nasceu para ser mãe, atribuindo diretamente a elas não somente o dever de ser mãe como o dever do saber exercer sua maternidade, na perspectiva de que o saber ser mãe é uma competência adquirida “naturalmente” pelas mulheres e não aprendida durante o exercício. Através desse discurso, é transferida uma série de exigências e obrigações, de caráter social, moral, médico, biológico e religioso para que as mães venham a cumprir o ideal de maternidade criado pela sociedade. Qualquer comportamento que foge à regra dessa maternidade é subjugado a qual tipo de mãe essa pessoa será.

A princípio, o termo maternidade foi "criado" pelo iluminista Jean-Jacques Rousseau, em *Emílio ou da educação* (1762), quando ele propõe e destaca a relação entre mãe e filhos como relação fundamental para o futuro da civilização. A palavra maternidade possui diversos significados e perspectivas que dependem do momento de cada civilização, desta forma é possível compreender que a maternidade por si tem um caráter complexo. Esses significados foram construídos socialmente para definir o papel biológico e social da mulher: ser mãe. Badinter (1985, p. 20) explica que existe um conceito dúbio do que é maternidade, se referindo ao processo fisiológico da mulher em gerar e parir, assim como dessa mesma em cuidar do filho a partir das práticas de maternagem e educação.

Culturalmente a maternidade era sinônimo de reconhecimento da mulher como indivíduo, para Freud (1932, p.128) a maternidade era como uma das resoluções para a castração uma vez que supostamente existe uma falta na mãe, a criança era vista como o objeto que pode preencher essa falta do pênis, para muitas mulheres significa realização pessoal, para outras muitas não. Poster (1979) conclui que as compreensões acerca da maternidade estão ligadas à necessidade imediata do sentimento de infância, família e filhos, para o Dicionário Digital Brasileiro da Língua Portuguesa - Michaelis, é a relação de parentesco entre mãe e filho. Essa relação pode ser consanguínea ou afetiva, mas como foi mostrado, seu conceito foi amplamente interpretado e construído socialmente, a partir de cada sociedade e cada tempo.

A palavra mãe está presente em todas as línguas e possui inúmeras variações, além de ser derivada de outras. Na atualidade, é possível descobrir as variações e versões linguísticas

das palavras a partir de plataformas de tradução disponíveis na internet que nos auxiliam a traduzi-las. As evoluções para mamãe, *mater*, *mother*, *mommy*, *mamma* e *madre* percorrem histórias indo-europeias, se espalhando para as demais línguas como o latim, origem das nossas palavras. A mama do seio, *mammare* que significa amamentar em latim, madre que em espanhol e italiano significa mãe e no português bíblico significa útero ou freira no catolicismo possuem significados diferentes, mas são palavras que permeiam entre o discurso cultural e médico que serão abordados aqui.

À mulher que gera é atribuído o título de “dom divino”, logo a mesma sociedade que impõe esse atributo é a que se acha no direito de ordenar acerca do que a mulher precisa fazer para gerar, parir um bebê saudável e livre de complicações, e, como cuidar de uma criança. Orientações de ordem médica como se alimentar bem para nutrir o feto de forma correta, não ingerir alimentos específicos como doce e fritura para controle de peso e diabetes, não ingerir comida crua devido aos riscos de contrair infecções, não ingerir bebida alcoólica ou medicamentos pois suas substâncias atravessam a placenta e podem causar danos ao feto como deficiência mental, transtornos e distúrbios cognitivos; praticar exercícios físicos, não se estressar, não se sobrecarregar fisicamente e mentalmente, entre várias outras orientações que demandam não somente esforço da gestante, como tempo, dinheiro e condições.

No pós-parto, para aquelas que decidem ficar com o bebê, permanecem as orientações de exercícios físicos para recuperação do corpo e da energia, restrições alimentares, medicamentosas e de bebidas alcoólicas por estes passarem para o leite, amamentação livre e exclusiva, estar à disposição do bebê 24 horas, garantir um ambiente seguro para ele e assegurar todas as suas necessidades fisiológicas. Após o nascimento do bebê, a mulher entra em um período natural chamado de puerpério.

Ele é definido como o período do ciclo gravídico-puerperal em que as modificações provocadas pela gravidez e parto no organismo da mulher retornam ao seu estado pré-gravídico, tendo seu início após o parto com a expulsão da placenta e término imprevisto, na medida em que se relaciona com o processo de amamentação (Strapasson, 2010, p.522).

De ordem social e religiosa, essa mulher precisa ter uma idade ideal para engravidar, possuir um emprego ou renda, estar casada com um homem e este precisa estar provendo a sua família com seu trabalho fora de casa para que ela venha se dedicar “somente” à gestação, filhos e cuidado com a casa. Reunindo todos esses pré-requisitos para procriar e maternar, pode-se observar que esse modelo ideal de maternidade não abarca a realidade da mulher brasileira. Como as necessidades da época visavam atender o sistema capitalista e sociedade

burguesa, a imagem da mãe também foi pensada para atender a esta classe. Iaconelli (2023) define esta mãe como "padrão-ouro" pois tratavam da mulher, cisgênero, heterossexual, adulta, casada, branca e com recursos financeiros. Este padrão se tornou regra para validar as mães e conseqüentemente por reproduzir um ideal hegemônico da figura materna, oprimindo outras configurações parentais.

A massiva discussão sobre o dever da mãe esconde a principal causa desse modelo ideal ser falido e suas maiores contradições: o Estado não dá condições de assistência para que mães possam realizar todas as exigências, culturalmente os homens não estando provendo e protegendo suas famílias. As mães são tratadas como meras reprodutoras de corpos, onde seus desejos, escolhas, opiniões e sentimentos são anulados para que o bebê prevaleça e biologicamente não são todas as mulheres que geram. "(...) sobre o cuidado com as próximas gerações, nossa sociedade responde com um modelo anacrônico baseado na inteira responsabilização das mulheres - resposta que já era insustentável no passado e que agora tende ao colapso" (Iaconelli, 2023, p. 30).

As cobranças para alcançar esse padrão ideal de maternidade falido se transformam em culpa materna que podem chegar a adoecimentos psicológicos e físicos. As mães são diariamente violentadas, atravessadas e oprimidas por falas, imposições, ações, condicionamentos e repressões, que são reproduzidas pela sociedade patriarcal e machista, e, são passadas de geração em geração assim como o materno, transpassando classe social, cultura e idade. Quando as mães se fadigam, o sentimento que se revela é o de constante insuficiência.

Essa construção é responsável por gerar entre as mulheres uma cobrança demasiada em torno do seu desempenho enquanto mãe, além de muita frustração quando a sua "performance" está abaixo do esperado (Tourinho, 2006, p.10).

Esse modelo de maternidade é denominado maternalismo, que foi criado na virada do século XIX para o século XX, e para Iaconelli (2023) significa um discurso ideológico que justifica e reafirma o lugar das mulheres apenas como mães e trabalhadoras domésticas não remuneradas, mas que deveria ajudar as mulheres mães no exercício da maternidade. Esse "comportamento" social segundo vários autores, aparece e desaparece ao longo da história da humanidade e dependem do contexto histórico e necessidades de cada século, que será discutido mais adiante. Iaconelli (2023) descreve que no século XVIII esse modelo ideal passou a ganhar força e se consolidar como uma "realidade". Na Europa Ocidental, o grande número de abandono de bebês, negligência e, conseqüentemente, o aumento da taxa de

mortalidade infantil afetaram o sistema socioeconômico da população, uma vez que esse distanciamento familiar respingava diretamente na sociedade que tinha que lidar com pessoas doentes, rebeldes, incapazes, desamparadas e um alto número de despesas sem ressarcimento. A solução para o problema, ainda de acordo com Iaconelli (2023), que contribuiria para a manutenção do capital e geração de lucros, além de manter as mulheres em casa, longe dos espaços públicos, foi atribuir a partir de discursos médicos, morais e religiosos, como a importância da amamentação exclusiva, a criação do amor e do instinto materno e a legitimação da mulher, que não era reconhecida no seu papel de mãe. Responsabilizar as mulheres obrigatoriamente reforçou as mesmas a ocuparem somente o espaço doméstico, não atrapalhando a concorrência do patriarcado. Em busca desse reconhecimento e prestígio, muitas compreenderam que precisariam exercer esse papel de mãe devota para assim alcançar esferas sociais que lhe eram negadas.

Esse modelo criado pela sociedade patriarcal passa a ser difundido através da imprensa por meio de boletins jornalísticos, publicações, livros, periódicos, peças teatrais e pinturas. Com o passar da evolução tecnológica da imprensa e dos meios de comunicação, esse discurso acompanhou o avanço e continuou circulando nos novos meios como jornais impressos, revistas, publicidades, filmes, novelas, séries e programas. Somos constantemente bombardeadas por pautas jornalísticas que reforçam o amor materno em seus cuidados diários, seus sacrifícios e esforços duplos para com os filhos, campanhas de amamentação e cuidado com os filhos, publicidade de dia das mães romantizada, divulgações de produtos ou até mesmo ações relacionadas aos bebês, onde a imagem passada é sempre de mulher realizada como mãe, completa, feliz em exercer a maternagem, uma mãe bem fisicamente, saudável, que consegue dar conta de seus deveres, sentem orgulho da sobrecarga, que conseguem dar conta da casa, da prole e não deixa de cuidar de si. Também vemos que na maioria das representações seus filhos também estão sempre felizes, comportados, rindo e calmos.

A coletânea “Maternidade nas Mídias” (Mendonça e Oliveira-Cruz, 2021) traz um recorte da maternidade na publicidade de mídia impressa nas cidades de São Paulo e Toronto, no Canadá, a partir de resultados parciais da pesquisa de doutorado de Milena Freire de Oliveira-Cruz e Maria Collier de Mendonça, 2014. No quadro analítico do Brasil, dois grupos se assemelham com a indagação desta pesquisa a respeito do papel da mídia na maternidade: grupo 1 – anúncios com imagens de mulheres grávidas, grupo 2 – anúncios com imagens de mães e bebês; já no grupo analítico do Canadá, dois grupos contemplaram o papel da culpa

que discuto neste presente trabalho: grupo 1 – estratégias que desabilitam as mães, grupo 2 – estratégias que agilizam a performance das mães. Todos os quatro grupos contemplam as violências reproduzidas pela sociedade como um todo seja em casa ou nas mídias. Em resumo, a mulher para ser mãe (e socialmente ela é obrigada a ser mãe) precisa ser e viver uma vida perfeita que não pode ser conquistada por ela, mas também não é oferecida a ela. Qualquer situação que fuja desse padrão pode ser altamente prejudicial para o bebê e prontamente a sociedade culpa e responsabiliza a mulher por tudo que acontece, ignorando fatores externos, contexto social e histórico.

Dessa forma, essa pesquisa pretende analisar a presença da culpa materna durante o puerpério, através da escuta e discussão acerca de seus sentimentos e estados emocionais, mentais e físicos. Entender o processo da culpa materna e de que forma ela é reforçada pelos meios de comunicação na época. Além disso, este trabalho tem como objetivos específicos discutir a ideia de culpa inserida nas mães que residem nas cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) que estão no puerpério e apresentam queixas que contrariam as expectativas da sociedade, a partir da perspectiva de mães e profissionais da área; analisar de que forma a culpa se estabelece e a partir de quais ferramentas ela é gerada nas mães e produzir um videocast para compartilhar experiências, aproximando as vivências das mães que passam ou passaram por este sentimento de culpa.

2. JUSTIFICATIVA

Vi no Trabalho de Conclusão de Curso uma oportunidade de ampliar essa discussão, trazendo estudos que validem esses argumentos e investiguem o porquê que as mães sentem demasiada culpa, como ela surge e qual a influência da sociedade através da mídia nela, identificando sua responsabilidade na opressão e adoecimento das mães, além de deturpar o significado de maternidade para possuir um controle nas mulheres. Discutir esse tema é de grande relevância para a sociedade como um todo, pois acolhe e compreende essas mães reprimidas, ao mesmo tempo que combate esse discurso violento de idealização de maternidade plena disseminada pela mídia, que fere e atravessa mães que estão durante o puerpério em um estado tão sensível e delicado comprovados cientificamente.

É preciso expor a influência da mídia, através da comunicação, no papel da representação materna, que alimenta em suas pautas, matérias, coberturas, redes sociais, campanhas, novelas, filmes e séries a obrigação da mãe em atingir um padrão que não existe. Ao mesmo tempo que afirmam que elas não serão capazes disso e, dessa forma, precisam consumir seus produtos como forma de reparar essa “falha”. À medida que ela impõe um padrão inalcançável, ela vende “formas” para chegar lá, mesmo sabendo que é impossível, lucrando com a fragilidade, desespero e culpa das mães, que são criadas justamente pela mídia. Ou seja, ao mesmo tempo ela cria o problema e a “solução”.

A maternidade é irresponsável e intencionalmente romantizada pela sociedade e reforçada pela mídia. Por isso, há uma necessidade, enquanto jornalista, de discutir esse “problema”, uma vez que possuo um compromisso ético com a verdade dos fatos, finalidade pública e no interesse social e coletivo, de acordo com o Código de Ética dos Jornalistas de 2007. É possível encontrar muitos Trabalhos de Conclusão de Curso sobre o tema no Brasil. No entanto, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III, Juazeiro (BA), há poucos trabalhos que trazem a temática da maternidade no seu contexto de idealização socioemocional. É preciso ressaltar que discutir a desromantização da maternidade é algo recente. Dessa forma, por mais que hoje existam diversos estudos que tratem esse problema, ainda não são suficientes e não alcançam um número grande de pessoas, fazendo com que o atraso, o machismo, o conservadorismo e o julgamento da sociedade perante a maternidade e as mães permeiem, se reproduzam e predominem.

Para ter acesso a esses debates é preciso fazer parte de uma bolha e o presente estudo busca justamente viabilizar essas demandas, visibilizando e normalizando as questões

emocionais vivenciadas pelas mães através de um diálogo mais acessível, para que alcance pessoas diversas, e não somente aquelas que estão inseridas nessa discussão. Trazer relatos, experiências e conhecimento por meio de conversas em um canal de comunicação se destaca, pois facilita a transmissão do conhecimento para as internautas. A falta de reflexão sobre esse tema tem como consequência impactar negativamente a saúde mental das mães, que possuem nesse período uma facilidade em adquirir problemas psicológicos, como depressão pós-parto. Isso porque permitir que essas repressões sejam feitas pode interferir diretamente na relação entre mãe e filho como na amamentação, podendo confundir a perspectiva e expectativas da própria mãe em sua realidade materna.

O formato *videocast* visa entregar uma melhor interpretação e entendimento da pesquisa, principalmente porque ela é conversada e discutida através de experiências de outras mães que também possuem referencial em seus discursos por terem entendimento e estudo sobre a temática abordada. Mães contando seus relatos fazem com que outras mães não se sintam falhas, erradas ou sozinhas, em um mundo onde a sociedade impõe uma realidade que não existe, é preciso que haja modelos que possamos nos identificar. No curso de Jornalismo em Multimeios não há nenhum Trabalho de Conclusão de Curso no formato aqui apresentado: o *videocast*. Seu ineditismo vai abrir o caminho para que os mais recentes alunos possam trabalhar e explorar o formato, tanto nas disciplinas quanto em seus TCCs. Trazer um programa de *videocast* e todo seu processo de criação vai elucidar a compreensão da importância do formato e suas contribuições para os jornalistas em multimeios. Uma nova alternativa de fazer jornalismo está sendo estreada para que esta seja aprimorada e reconhecida entre discentes e docentes do curso e de todo o departamento.

3. APROXIMAÇÃO COM O TEMA

A ideia de abordar essa temática no meu trabalho de conclusão de curso surgiu no meu pós-parto, especificamente no meu puerpério, e experimentei o pior sentimento já vivido por mim, a culpa materna. Mas para chegar nesse ponto, vou fazer uma linha do tempo para quando cursei a disciplina Tópicos Especiais em Jornalismo pela primeira vez em 2021. Estávamos durante a pandemia da covid-19 e as aulas eram remotas. Eu já estava grávida, mas apesar de querer ter o bebê, não me via feliz, estava com medo das tantas incertezas que permeavam minha vida e com medo de um fim desastroso para a humanidade. A primeira vez que me vi tranquila e menos desesperada foi quando consegui tomar a primeira dose da vacina. Ter a vacina e poder tomá-la era a única coisa concreta e boa que eu tinha, já que não tinha certezas psicológicas, financeiras e de uma paternidade presente. Construí um outro tema e não consegui desenvolvê-lo por falta de paixão e devido a outros acontecimentos. Era algo interessante de se estudar, mas que não me trazia a vontade e a necessidade como o tema de fato escolhido.

Literalmente, assim que dei à luz fui tomada por informações em massa sobre os cuidados primários para com o bebê, onde em muitas ocasiões não pude falar - devido ao pós da cesárea, que é orientado que as pacientes não falem para não entrar ar e encher o corpo, que foi recém cortado em sete camadas e aberto, de gases; como também não pude ver o que estavam me ensinando por não conseguir mexer o meu corpo. Também devido à pós cirurgia e anestesia, que no meu caso levou mais tempo que o normal para o efeito passar, mas também não me disseram porque isso estava acontecendo.

Após parir fui para a Sala de Recuperação pós Anestésica (SRPA) com minha filha, onde passei algumas horas até poder subir para o apartamento. Lá, gritei várias vezes pedindo que me ajudassem a amamentar minha filha pois ainda não tínhamos tido esse contato, ela estava chorando muito e eu não conseguia me mexer por conta da anestesia. Fui ignorada quase todas as vezes. Os profissionais fingiam não estar ali e duas que me ajudaram depois de tanta insistência minha "tentaram" rapidamente e disseram "mãezinha você só pode amamentar depois que o efeito da anestesia passar, não dá para ficarmos segurando-a". A falta de diálogo e de uma comunicação eficaz e transparente foi minha primeira dor e incômodo desde que pari, foi logo após dar à luz que me senti silenciada e incompreendida.

Não poder amamentar, enquanto minha filha chorava desesperadamente, foi a segunda

vez que experienciei a culpa materna. A primeira foi logo quando a vi pela primeira vez e não chorei, muito menos senti aquele amor incondicional que dizem que toda mãe sente ao ver seu bebê pela primeira vez. Me senti estranha, errada, aquém. Me questionava, me cobrava, me culpava, e tudo isso enquanto me costuravam. O sentimento de culpa materna perdura e vai além do puerpério, lhe persegue em todo o maternar. A culpa pode estar presente o dia inteiro, todos os dias, dias alternados, mas ela sempre estará presente e de tantas informações que me foram dadas esqueceram essa. Ainda na maternidade, no apartamento, não consegui amamentar minha filha sozinha. Todas as vezes que tentei não obtive êxito e precisei de ajuda das enfermeiras. Questionava “como não consigo ser capaz de fazer o óbvio e ao mesmo tempo a principal função de uma mãe?”. Assim que foi feito o teste de glicemia com 24 horas de nascida (procedimento padrão que informa a quantidade glicêmica do bebê), Alisha não atingiu a quantidade suficiente, precisando, assim, refazer o teste. Foram feitas mais duas vezes, até que chegasse no valor mínimo preciso para termos alta da maternidade. A partir daí outro sentimento se instalou: o medo de sair da maternidade. Como eu iria amamentar minha filha sem as enfermeiras? O medo e a culpa dela não se desenvolver saudável e de eu não a nutrir adequadamente foram os primeiros sentimentos de muitos que estariam por vir, e eu não imaginava. Neste ponto a culpa já tinha conquistado seu espaço em mim e passou a me perseguir.

No meu pré-projeto entregue na disciplina de Seminários Avançados, escrevi que a maior culpa que já havia sentido foi o meu fracasso na amamentação e os acontecimentos onde minha filha teve hipotermia duas vezes, mas esse cenário mudou. A mais forte dor da culpa que já senti está sendo agora enquanto escrevo este parágrafo. Me situo em um momento onde estou permitindo que os meus problemas psicológicos voltem, devido à pressão da conclusão do curso, e permitindo que eles afetem o meu relacionamento com minha filha. Estar triste o dia todo, com enxaquecas provenientes do excesso de uso de computador, óculos de grau vencido, responsabilidades maternas, ansiedade por não conseguir progredir na minha escrita, medo e nervosismo em não conseguir entregar no prazo e acontecimentos não previstos nas nossas vidas estão me impossibilitando de ter prazer em estar com ela, de querer estar com ela, brincar com ela, interagir, ouvi-la, abraçá-la e entendê-la. Estou me impossibilitando de dar a ela a educação respeitosa que sempre idealizei, principalmente nessa fase dos dois anos. Isso tem me "matado" aos poucos, mas todos os dias luto para não deixar os sentimentos ruins prevalecerem, lutando para não me autossabotar e lutando para não descontar todas essas minhas frustrações em minha filha.

Não conseguir e não querer amamentar, assim como não perceber que minha filha estava com frio ao ponto de levá-la a ter dois quadros de hipotermia, ainda doem e me assombram, mas o fato é que, até hoje, todos os acontecimentos que já me fizeram sentir culpa materna me perseguem, como se existisse um eu juiz que me lembrasse de todas as vezes que errei e falhei como mãe. Existem outras situações onde houve o sentimento de culpa, mas posteriormente entendi que eu não tinha qualquer responsabilidade sobre a situação, nem como evitá-las. Como, por exemplo, as cólicas abdominais que os recém-nascidos sentem até os três meses de vida, quando seu estômago ainda não é maduro o suficiente.

Todas essas experiências culminaram na escolha do tema desta pesquisa, principalmente por me sentir tão incompreendida e silenciada sendo que estudo Comunicação Social e sempre fui boa em me expressar e me comunicar. Vi, desde o dia que pari, como o próprio bebê, onde ainda estava aprendendo a me comunicar e expor meus sentimentos tendo em vista que quase ninguém (ao meu redor) me entendia. E em todo esse processo de me sentir silenciada, ignorada, incompreendida, onde tive meus sentimentos e argumentos diminuídos, menosprezados e invalidados. A culpa materna reforçava todas as minhas dores, me fazia acreditar que tudo referente ao meu maternar, de fato, era culpa minha e que até não conseguir me comunicar com as pessoas também era uma culpa minha, um problema meu e não da sociedade.

Por ter tido a condição de estudar na gestação sobre o tema e acessar tais questões, conseguia, mesmo que por um instante, entender o que estava acontecendo. Ainda que ciente da romantização e expectativas dos familiares e amigos, vivenciei uma situação que me afetou psicologicamente por não ter sido compreendida e ter sido julgada. Nela, identifiquei uma fala machista patriarcal, reproduzida culturalmente, onde havia uma idealização de maternidade e uma imposição de que ser mãe é um estado total de completude.

Ao relatar que estava triste com as dores da cesárea, na coluna e reclamar do cansaço e sobrecarga que é cuidar de um recém-nascido, meu pai me repreendeu dizendo que eu estava sendo ingrata e que eu deveria ser para sempre feliz por ter tido uma filha linda e saudável. Que eu não deveria reclamar e deveria pedir perdão a Deus por isso. Essa foi a situação que me fez ter a certeza que havia uma necessidade muito grande em pautar esses discursos violentos que oprimem tantas mulheres, senão todas. Estar triste devido a dores não impede estar feliz pela minha filha, reclamar da exaustão e limitações que estava vivenciando não me impede de estar grata pela filha que tenho. A sobrecarga, exaustão, cansaço, dor, tristeza,

choro são reais e podem coexistir com sentimentos positivos. Silenciar a realidade, esconder um problema é uma violência contra as mães e as que desejam ser.

4. APROXIMAÇÃO COM O PRODUTO

No terceiro período do curso tive minha primeira disciplina de rádio, Radiojornalismo I, onde conheci o estúdio de rádio, a redação e linguagem radiofônica, roteiro, sons, locuções e vozes da rádio, toda tecnologia e recursos técnicos usados para realizar um programa de rádio e como alcançar a comunidade através da sua transmissão. Me identifiquei muito com todo o processo de diálogo entre locutor e ouvinte, voz e a linguagem que é mais coloquial, para um maior entendimento das informações para o público. Desde criança sempre tive uma boa oratória, que foi aprimorada durante o curso, principalmente durante as disciplinas práticas de rádio e telejornalismo. Conforme fui cursando Radiojornalismo II e Telejornalismo I e II, fui percebendo minha facilidade em me expressar através da fala e do diálogo, em detrimento da escrita. Possuo maior afinidade em apresentar notícias e debater sobre as temáticas em frente às câmeras e com microfone, além de sempre me sentir à vontade e confortável nessas posições.

Ser voluntária da TV UNEB foi determinante para entender quem eu sou, quais são minhas habilidades, minhas aspirações, aproximações e como me vejo para além do ambiente acadêmico, nas futuras oportunidades de trabalho. Ela também contribuiu para a minha aproximação com o produto, tendo em vista que aprendi processos importantes que fazem parte da pré-produção, produção e pós-produção do programa como filmagem, captação de imagem e som, transmissão, escolha de pauta, a escrita do roteiro, escrita da entrevista, oratória, linguagem radiofônica e televisiva, comunicação e diálogo com o público, gravação e edição.

Meu conhecimento adquirido durante a disciplina de Estágio Supervisionado também está sendo aplicado neste presente trabalho. Pois, todo o gerenciamento das mídias sociais, criatividade, design, cortes e publicações foram feitas a partir do que aprendi com consumo de redes sociais, criação e compartilhamento de conteúdo. Tudo que aprendi com essas experiências que o jornalismo me proporcionou, pude colocar em prática no meu produto pois toda sua criação, processo e resultado final reforçam minha capacitação não somente em jornalismo, mas em multimeios.

No meu puerpério toda a minha atenção esteve voltada à minha filha, eu literalmente não conseguia tirar os olhos dela por medo. A minha percepção estava programada ao ambiente e o bebê, e com isso não consegui manter compromissos em outras áreas. Passei a maior parte do tempo no quarto, me deslocando apenas entre berço, cama, poltrona de

amamentação e banheiro. Toda a minha realidade se transformou e se limitou a um cômodo e um banheiro e as minhas demandas, necessidades e atividades se encontravam lá. Sempre com a luz baixa ou no escuro, apenas pela manhã mantive o quarto claro, mas sempre me encontrava dormindo, cansada e com sono por não conseguir dormir à noite. Minha filha desde que nasceu tem uma sensibilidade na audição onde todo e qualquer barulho (o mais baixo possível) a faz escutar, se incomodar e acordar. Com esse cenário não tive condições de realizar atividades extra maternagem, como ir a sala assistir TV ou ler um livro, por exemplo. Minha única opção era meu dispositivo móvel, celular smartphone, onde conseguia, minimamente, me distrair socializando, assistindo *lives*, filmes, maratonando séries, acompanhando *podcasts* e *videocasts* sempre que achava o fone e me sentia segura de me “desligar” e me distrair da minha filha, sem me distanciar dela e sem atrapalhar as suas necessidades.

Durante o puerpério restringi mais ainda as minhas saídas de casa devido à pandemia da Covid-19, mesmo com ela já chegando ao fim. Como já estava reclusa durante a gestação, senti muita falta de socializar, sair, me arrumar, sentar em uma mesa com amigos e conversar. Então, encontrei no *videocast* toda a minha saudade: ver pessoas - na maioria das vezes mulheres - conversando sobre assuntos do meu interesse, rindo, socializando e arrumadas. Toda essa composição do formato me permitiu aprender coisas novas e me fazia sentir parte da conversa, por ser audiovisual e disponibilizar interação com os internautas através do chat.

O *videocast*, formato de produção de conteúdo de origem do podcast, mas com inserção do audiovisual como um dos seus diferenciais, também se popularizou na pandemia juntamente com a *live*. Eu sempre preferi assistir a ler e ouvir, pois os elementos da imagem me trazem maior entendimento e concretização da informação. Sendo assim, passei a assistir a *videocasts* com uma maior frequência. Para além da temática abordada, toda a estrutura do estúdio, vestimentas, comportamentos e expressões dos apresentadores e convidados sempre me chamou atenção. Por esse motivo escolhi o formato de *videocast* como produto do meu TCC, por gostar de enxergar nas pessoas para além do que elas falam, o que elas transmitem nas suas expressões, roupas e posturas.

O formato também permite que as mães possam acessar com maior facilidade o assunto, podendo escutar e assistir durante a amamentação, durante o cochilo do bebê, no banheiro, realizando atividades domésticas e também no carro ao dirigir. A conversação que é permitida no formato também foi um ponto que me fez escolher este tipo de produto. Pois quando há um diálogo, um debate, uma conversa, a temática fica mais ampla, melhor de ser

compreendida de acordo com perspectivas diferentes, a abordagem fica mais natural, há modos onde internautas podem participar da discussão. Até para quem apenas assiste a conversa envolve mais, deixa mais elucidado, melhor explicado e dá a sensação de proximidade com os participantes. O *videocast* também será disponibilizado em áudio para mães que só possam ouvir ao programa, mas o foco da produção é em vídeo, para que as que estarão assistindo se reconheçam nas mães do programa, seja em uma expressão, em uma postura, na roupa escolhida, que elas se sintam mais próximas de nós, que saibam que somos reais, que saibam quem nós somos e que entendam que podemos ser parecidas.

5. A MATERNIDADE E A CULPA

5.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MATERNIDADE

A construção social da maternidade para Ariès (1981) e Badinter (1985) está diretamente relacionada à época e contexto histórico e político de cada civilização, a cultura predominante e seu desenvolvimento como espécie, portanto o conceito de maternidade pode ter diferentes tipos de significados e representações. Cada sociedade defende e exige a partir de seus entendimentos da época e do que lhe convém, o que seria maternidade e ser mãe, impondo desta forma um modelo predominante a ser seguido. Essa relação mãe-filho muda de acordo com o que é exigido daquela sociedade e também da mulher. Ou seja, conceitos e determinações são impostas e reproduzidas até serem substituídas por outras convenientes com o período atual de cada cenário. A maternidade não é uma condição biológica, logo não é passível de reprodução exata porque até mesmo acontecimentos biológicos estão sujeitos a modificação de seus resultados. A maternidade é um estado que depende da individualidade de cada mulher e o meio histórico, social, cultural e econômico a qual ela está inserida, logo pode ser definida também como o modo em que a pessoa escolhe exercer sua maternagem.

As mães são relacionadas ao Sagrado e representadas por divindades desde a Antiguidade, período Antes de Cristo e são perpetuadas até os dias atuais em todo o mundo. Para Beauvoir (2009), a mistificação da mãe começa quando a religião da maternidade afirma que toda mãe é exemplar. A diferença está na forma em que elas são associadas, determinada pela crença de cada cultura. No Ocidente as figuras de Eva e Maria são as que predominam na sociedade e simbolizam o ideal de mulher e maternidade, sendo a primeira o exemplo não ser seguido enquanto a segunda sim, logo, a sociedade cobra que a mulher alcance o mesmo padrão da mãe de Jesus.

Na Idade Média a maternidade e maternagem não eram valorizadas. Estes anos que antecedem o século XVIII, as mães e os pais não possuíam vínculo afetivo para com os seus filhos. A maternidade e paternidade não eram determinadas como valores e princípios de uma família, logo esse laço era secundário e o objetivo de ter filhos se justificava à necessidade de ter um homem para manter o nome da família, a linhagem e suceder os negócios da família. Assim que atingiam o filho desejado, os outros que viriam depois ou os que vieram antes eram rejeitados e entregues. Badinter (1985) apresenta dados da polícia de Paris, que revela que em 1780, das 21 mil crianças que nasceram, 19 mil foram entregues para serem criadas

em outros lares e/ou orfanatos. Por não receberem os cuidados básicos necessários para garantir sua sobrevivência, a maioria delas morriam sem conseguir chegar na primeira infância. A autora também traz a compreensão que o "desafeto" por parte dos pais era em decorrência do alto número de mortalidade e esse comportamento era uma forma de prevenção dos pais de não se apegar aos bebês sendo que esses tinham uma grande chance de vir a óbito. O contexto histórico da época permite esse olhar tendo em vista a educação da época, entendimento científico e médico, alto índice de pobreza, doenças, epidemias e entre outros fatores que culminaram nessas mortes.

Ainda no período Feudal, Sitta (2023, p. 145 *apud* Federici, 2017, p. 79) os métodos para controlar a natalidade e práticas contrárias às doutrinas religiosas passaram a ser consideradas crime reprodutivo após a Europa passar por um colapso por falta de trabalhadores. Tais escolhas se reforçaram quando as mulheres foram despossadas de suas terras, principalmente as solteiras e viúvas, para se constituir o sistema capitalista. Mais uma vez as mulheres se viram na condição de se adequar à situação sendo realocadas do meio rural para o meio urbano. Lá precisam garantir seu sustento trabalhando e esta nova realidade lhe permitiu uma autonomia no que diz respeito à geração de filhos e à maternidade. Após o acontecimento de mais algumas emergências provenientes de crise econômica, doenças e diminuição da população, foi argumentado que esses episódios ameaçavam a estabilidade social e econômica do Continente. Se antes os filhos eram desvalorizados, agora recebem valor mercantil. A solução encontrada foi exigir das mulheres sua condição reprodutiva. As que se negassem a exercer suas funções maternas eram associadas às seitas hereges e caçadas como bruxas. Além de serem vistas como bruxas, eram julgadas de egoístas, pecadoras, doentes e demoníacas.

[...] a principal iniciativa do Estado com o fim de restaurar a proporção populacional desejada foi lançar uma verdadeira guerra contra as mulheres, claramente orientada a quebrar o controle que elas haviam exercido sobre seus corpos e sua reprodução [...] essa guerra foi travada principalmente por meio da caça às bruxas (Federici, 2017, p. 174).

No século XVII, o conceito predominante de criança e infância foram feitas por filósofos teólogos. Santo Agostinho descreve a criança como uma força proveniente do mal: "Fui concebido na iniquidade... é no pecado que minha mãe me gerou... onde portanto, Senhor, onde e quando fui inocente?" (Agostinho, p. 4, *apud* Badinter, p. 54). Para Descartes, a infância era uma fraqueza de espírito e um mal que precisava ser aniquilado. "Desprovida de

discernimento e de crítica, a alma infantil se deixa guiar pelas sensações de prazer e de dor: está condenada ao erro perpétuo." (Descartes, *apud* Badinter, p.61). A criança e sua infância eram vistas como evidência da corrupção que condena o ser e logo precisa ser livrada. Essa aniquilação e salvação só eram possíveis através da educação, que de acordo com a pedagogia dominante da época era a salvação da alma do pecado e estabelecida através de correções violentas como palmatória, ameaças e varas. Os pais eram instruídos a manter uma indiferença para com seus filhos para não alimentar a malignidade natural da criança, então qualquer demonstração de amor e carinho eram vistas como pecado e frouxidão. A amizade entre pais e filhos era recriminada pois se acreditava que esta relação era danosa, estragava a criança e dava origem a má educação, fazendo assim com que os pais perdessem moralmente seus filhos.

O modelo de família também sofreu alterações, assim como a maternidade até chegar nos dias atuais. Para Ariès (1986) a reorganização familiar foi determinada pela centralização da criança, que necessita dos cuidados dos pais onde esta é estabelecida pela autoridade paterna e do amor materno. Esse movimento da época foi estudado para dialogar com o capitalismo e foi pensado para a burguesia. Poster (1979) afirma que a família moderna, fabricada para a família burguesa, foi criada com o foco na infância como valorização social e essa estrutura dominou a sociedade até os dias de hoje.

O modelo de ser mãe e mulher foi construído lentamente e, apesar de ter início no século XVII, foi apenas no final do século XVIII e início do século XIX que ele passou a se consolidar. Houve uma alteração significativa e determinante do significado de maternidade e do entendimento do papel da mãe, transformando a figura desta e a tornando em uma realidade que perdura até os dias atuais. Sua identidade é estudada e reformulada para atender às necessidades dessa nova época. Surge assim a nova imagem da mulher: ser mãe. Para sustentar essa ideia foi preciso "valorizar" a importância desta, que passou a ser criadora e responsável pela futura nação. Essa nova imagem surgiu no final do século XVIII, no ano de 1770, quando a Europa ao passar por uma nova crise econômica e enfrentar altas taxas de mortalidade infantil, enxergou nas crianças uma possível mão de obra. Foram criadas as mais diversas justificativas para reforçar essa ideia e torná-la real e verdadeira na cabeça das mulheres.

Foram necessários nada menos de três discursos diferentes para que as mulheres voltassem a conhecer as doçuras do amor materno e para que seus filhos tivessem maiores possibilidades de sobrevivência: um alarmante discurso econômico, dirigido

apenas aos homens esclarecidos, um discurso filosófico comum aos dois sexos e, por fim, um terceiro discurso, dirigido exclusivamente às mulheres (Badinter, 1985, p. 149).

Resende (2017) sintetiza esses três discursos descritos por Badinter (1985), onde no econômico, a criança passou a ser vista como um recurso econômico devido ao seu potencial produtivo, sendo considerada uma riqueza. Era um discurso direcionado aos homens elucidados e enfatizava a importância da população para um país. O discurso filosófico, voltado para ambos os sexos, deriva da filosofia de Rousseau e da ideologia natalista, destacando a criança como um bem inestimável e inegociável tanto para a sociedade quanto para o modelo ideal de família. Por fim, o terceiro discurso foi direcionado pelo Estado exclusivamente às mulheres. A sociedade para manipular as mulheres e dizê-las relevantes, impuseram-nas no papel de responsáveis pela nação, já que necessitavam que estas cumprissem com seu "dever" reprodutivo, além de obrigá-las a retornar às responsabilidades maternas, condicionando sua liberdade aos espaços domésticos e maternos.

Para obter este resultado, a mulher foi intitulada como figura central da família e seus valores passaram a ser julgados através das funções e deveres que esta mãe deveria ter. Então foi instituído um discurso que era necessário que a mãe abdicasse da sua vida para viver em função dos filhos para que eles pudessem ter um bom futuro. Beauvoir já contestava essa representação da mulher, sua necessidade ou falta dela em ter filhos e a responsabilidade absoluta da mesma perante eles.

A mãe pode ter suas razões de querer um filho, mas não poderá dar, a esse outro que vai ser amanhã, suas próprias razões de ser; ela o gera na generalidade de seu corpo, não na singularidade de sua existência (Beauvoir, 2009, p. 663).

Assim, estabeleceu-se a imagem da nova mãe com aquela passiva, dedicada, que se sacrifica pelos filhos e abre mão de suas aspirações, do trabalho, do amor e da sexualidade em prol da nação e da humanidade. Essas características passaram a ser consideradas moralmente como valores de origem natural da mulher e seu conjunto constitui o padrão de maternidade que conhecemos hoje. O modelo de maternidade não foi aceito de primeira pelas mulheres, a constituição da boa mãe foi inserida aos poucos. "A evolução dos costumes foi mais lenta do que se poderia crer. Por razões diferentes, e até opostas, numerosas mulheres se recusaram a se conformar com o novo modelo" (Badinter, 1985, p. 178). A partir de 1760 esse discurso passou a se consolidar através das publicações, que passaram a elogiar e enaltecer o "amor materno" e os cuidados com a prole como um valor natural feminino.

Divinas e virtuosas, essas mães sentiam um enorme peso sobre si. E se todos concordavam em glorificar a mãe perfeita, também estavam dispostos a

desqualificar as mulheres que "fracassavam" em sua função materna. A mãe "perfeita e normal" devia mostrar-se paciente e dedicada, atenta a todas as necessidades de seu filho, totalmente devotada e qualquer afastamento desse padrão acarretava sentimento de culpa ou frustração (Tourinho, 2006, p. 10).

É preciso destacar que essa sobrecarga nas funções agora tidas como obrigações das mães anulava essas mesmas responsabilidades dos pais e teve por consequência o demérito do seu prestígio. Culturalmente ele ainda é visto como autoridade nas famílias, mas a falta de vínculo amoroso para com os filhos passa a ser aceita, se tornando substituível e até mesmo banalizada até os dias de hoje. Se por um lado essa distância dos pais é, até hoje, justificada e defendida como próprias da natureza do homem e a sua necessidade maior em prover a família.

A autoridade do homem é legítima porque repousa sobre a desigualdade natural que existe entre os seres humanos... Quanto à cidadã, é essencialmente inferior ao homem, seja qual for a sua idade... Semelhante à terra que precisa ser semeada, seu único mérito é ser um bom ventre. Como é dotada de uma frágil capacidade de deliberação, o filósofo deduz logicamente que sua opinião não é digna de consideração. A única virtude moral que lhe reconhecia era a de 'vencer a dificuldade de obedecer'. Sua honra residia num "modesto silêncio" (Aristóteles, p.20, *apud* Badinter, p. 31).

Por outro, a mãe foi intencionalmente associada à ternura, sacrifício, doçura, condizente, obediente e silenciosa. Essa associação era para justamente elas se sentirem dignas, representadas, femininas e boas mães. Como única forma de reconhecimento e liberdade, mulheres se viram obrigadas a se tornarem mães mesmo sem terem vontade, aceitando a maternidade compulsória como sua única saída.

Ainda que em realidades simbólicas e materiais bem diferentes — o ideal materialista cobra faturas diferentes de brancas, negras, indígenas ou pobres —, das mulheres em geral se espera obediência, dedicação incansável à família e restrições pessoais e sexuais, cujos efeitos, expressos na forma de adoecimento físico e psíquico, Freud teve o mérito de denunciar (Iaconelli, 2023. p. 56).

Beauvoir (2009) relata que para fugir da sensação de impotência, as mães encontraram na gravidez a liberdade que lhes fora negada e desta forma se justificaram na gravidez para cessar o conflito que habitava dentro delas. Aceitavam o discurso que a razão de sua existência se encontrava na sua barriga. Ao dar à luz elas encontram utilidade dentro de si. Sentem-se necessárias e mais uma vez justificadas pelas exigências do filho que acabara de nascer.

Desde a era pré-histórica os homens deixam suas famílias/agrupamentos em busca da caça e de instrumentos para garantir a sobrevivência do grupo. Nos períodos subsequentes e com a evolução da humanidade, trabalhar fora, viajar, explorar o mundo ou até mesmo se

mudar para lugares onde há trabalho continua sendo justificativa de dever do homem em prover sua família. A realidade é que muitos demoram para regressar à suas casas, outros as abandonam, alguns constituem nova família nessa nova habitação e ignoram a existência da primeira. Essa situação sempre acarretou na necessidade da mulher de, além de maternar, prover a casa. Tendo isso em vista, o modelo de família nunca funcionou porque a mãe sempre precisou encontrar trabalho para sustentar a si e seus filhos. Afinal, até que estes homens retornem às suas casas, suas famílias precisam de sustento para sobreviver, cabendo a mulher e os próprios filhos buscarem formas de sustento.

Segundo Oliveira (2007), César, Loures e Andrade (2019) com a ausência da figura paterna, a mãe "eleva" a categoria dentro de casa e passa a conquistar o poder sobre os filhos se torna a cabeça do lar. A I Guerra Mundial foi a confirmação dessa realidade. As mulheres precisaram substituir o papel do homem dentro de casa uma vez que estes precisaram sair da sua geografia para combater na guerra. Esta condição lhe permitiu provar sua importância e capacidade para além de ser mãe, como exercer uma profissão provendo sua família e competindo no mercado de trabalho, trabalhando em fábricas, fazendas, indústrias e até mesmo na Guerra como enfermeiras, cozinheiras, motoristas e voluntárias. Essa conquista acendeu o olhar de parcela das mulheres que não se reconheciam no novo padrão de ser mãe fazendo surgir a Segunda Onda do feminismo, nos anos 1960. Elas passam a defender a não obrigatoriedade da mulher em ser mãe, defendem o direito da mulher em acessar espaços públicos e de trabalhos que eram restritos para os homens, exigem deles a partilha das responsabilidades para com os filhos e se contrariam a ideia de mãe espontânea, sempre feliz, dedicada e sacrificada.

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho e a desvalorização do seu papel doméstico e maternalista, surge a ideologia da maternidade científica criada por médicos com o objetivo de exercer a maternagem a partir de princípios científicos. Freire (2006) traz a mudança no padrão de alimentação infantil, onde o leite materno é substituído por leite não materno até meados de 1940 nos Estados Unidos. Essa mudança foi pensada entre os médicos e as mulheres de elite da época, que juntos visavam reunir o interesse destes atrelados ao interesse da indústria para encontrar uma alternativa que beneficiasse a todos. A relação entre esses três também pôde permitir que a mãe burguesa fosse reconhecida e considerada por sua competência e habilitação em conhecimentos maternos com base científica; os médicos possuíram o poder de influenciar essas mulheres e passaram a ser autoridades para as famílias e a indústria passou a lucrar a partir desse discurso médico que garantia as alternativas

oferecidas pelas indústrias como o leite artificial e a mamadeira.

Como complemento para esse discurso, surge concreto o discurso do instinto materno para validar a maternidade científica em que a mulher é naturalmente mãe. Esse instinto parte do pressuposto do discurso Rousseauiano e elucidado por Iaconelli (2023), de que o instinto, o amor e as ações da mãe sejam garantidas pela natureza da mulher, ou seja, é uma condição própria e pertencente da mulher e não uma condição contingencial. As pioneiras Beauvoir (1949), Badinter (1985), defendem que o amor e o instinto materno não são de ordem da natureza e sim construções sociais. Segundo Badinter (1985), o conceito romantizado de maternidade onde a mãe possui um amor natural e instintivo para com os seus filhos, surgiu entre os séculos XVIII e XIX: “o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade” (p. 144 e 145). Esse sentimento de amor materno para a autora (1985) não é espontâneo e sim condicionado, independente da boa natureza ou boa vontade da mãe. A autora contesta o Instinto Materno como fato científico congênito da mulher uma vez que há dados históricos onde mostra que por pelo menos nos séculos XVII e XVIII, o comportamento das mães eram de indiferença e rejeição para com os filhos, sendo negligentes com as crianças e acarretando em um alto número de mortalidade infantil devido à falta de cuidado com estas. A partir desses dados e desse questionamento, Badinter prova que o Instinto Materno é uma construção ideológica elaborada para atender os problemas socioeconômicos da época.

A cultura da maternidade científica norte-americana foi expandida e disseminada no ocidente, ela se tornou uma forte influência no Brasil de 1920 com a *American Way Of Life*, modelo de comportamento e estilo de vida americano que surgiu após a Primeira Guerra Mundial que tem como base o consumo midiático e capitalismo, liberalismo, progresso, nacionalismo e outros ideais. Na Europa o movimento de condenação às amas de leite, que condenava o trabalho de aleitamento das mulheres pobres, pretas e em sua maioria mulheres que foram escravizadas e libertas, repercutiu também no Brasil. O movimento de caráter moralista tinha o intuito de obrigar indiretamente as mães a exercer seu papel materno e doméstico, além de julgar e invalidar o trabalho das ex - escravizadas, chamando-as de mercenárias e acusando-as de passar doenças contagiosas para as crianças. Essas duas correntes foram determinantes para a construção do modelo de maternidade no Brasil, que já seguia a cultura e influências da Europa desde quando era colônia de Portugal.

5.1.1 Maternidade no Brasil

A desvalorização infantil, que assombrava o Ocidente até o século XVIII, também abarcava o Brasil. Del Priore (2014) relata que maus tratos, exploração da criança e infanticídio eram comuns na época. Ela narra histórias de práticas de "afogamento" de crianças indesejadas que consistia em vestir o bebê com roupas propícias para abafá-lo até a morte. Abandono em lugares distantes e sujos como lixão e conseqüentemente a morte desses por fome, frio ou até mesmo por virar alimento de animais. A prática de enjeitamento, que consiste na entrega dos filhos às Santas Casas e ao abandono eram as condutas mais comuns dessa sociedade. Ao entregar seus filhos, deixavam bilhetes justificando o motivo de deixá-los como estar em condições de extrema pobreza, pais possuírem doenças, filho ser fruto de adultério e entre outros. Outro costume comum entre elas era de dar nomes difíceis e estranhos aos filhos, para que pudessem achá-los depois. Del Priore (2014), descreve que no final do século XIX ocorreu uma ação sanitária liderada por médicos para transformar a maternidade em caso de ordem pública, criando diligências de proteção à gestação e ao parto. Para lançar a mulher moderna e romper com os padrões do passado herdados do colonialismo e da escravidão, adotam o discurso disseminado no Ocidente de que a nova mãe precisa ter consciência cívica e não apenas gerar filhos, elas precisam materná-los e educá-los para se tornarem cidadãos do bem e soldados da pátria.

A ideologia da maternidade científica chegou ao Brasil em meados de 1920. Del Priore (2014) narra que em 1929 foi criada a Escola de Economia Doméstica com o apoio da Liga das Senhoras Católicas, que tinha como finalidade capacitar e transformar as mulheres em boas mães de família. A cultura higienista disciplinava as mães sob o discurso de que a maternidade era uma ciência que precisa ser aprendida e que era preciso repudiar as crenças do passado e confiar apenas nos médicos. Em 1923, no I Congresso de Proteção à Infância, as mulheres e os médicos foram eleitos salvadores do país. As mulheres de classe alta, da burguesia, por meio das organizações filantrópicas realizavam eventos e palestras sobre higiene e saúde infantil, e, programas de assistência à mães pobres. Em 1931, no II Congresso Internacional Feminista, um apelo às mulheres brasileiras foi defendido uma vez que a proteção e da defesa da criança eram responsabilidades da mulher. Essas ações elevavam o desempenho da mulher burguesa na "ascensão física e moral" dos brasileiros.

O Brasil pós-escravidão e ex colonial, segundo Iaconelli (2023), resultou em condições de extrema pobreza, mulheres em situação de vulnerabilidade, abandono paterno,

crianças desassistidas e ex-escravizados sem assistências e amparos do Estado. O avanço pós Revolução Industrial permitiu que mulheres trabalhassem como operárias em fábricas e indústrias, mas seu reconhecimento salarial era baixo e injusto. Os trabalhos feminino e infantil eram vistos como necessários por serem vulneráveis e favoráveis à exploração, assegurando o funcionamento, manutenção e lucro das fábricas e indústrias. Recebiam um pagamento inferior aos dos homens e desta forma seus patrões lucravam ao mesmo tempo que gastavam pouco com mão de obra. Além das péssimas condições empregatícias, o Estado não garantia creches e escolas para que essas mulheres pudessem trabalhar e deixar seus filhos sob responsabilidade de alguém. Del Priore (2014) traz o romance de Patrícia Galvão, *Parque Industrial*, que denunciava a situação dessas mães que precisavam deixar seus filhos sozinhos em um quarto trancado e sujo o dia inteiro para trabalhar. O Estado, por sua vez, condenou o estilo e vida dos pobres, que moravam em comunidade em cortiços e pequenos espaços, lugares que eles conseguiam pagar devido às péssimas condições trabalhistas que lhes eram oferecidas. A solução criada foi retirar novamente essas mulheres do espaço público e colocá-las dentro de casa, com o mesmo discurso que a vocação natural das mulheres era cuidar dos filhos e da casa.

A mulher que contrai casamento deve ser convencida das leis naturais e morais que obrigam-na a exercer o círculo completo das funções de mãe. Se a isto se recusar é que há uma falsificação de sentimentos contrariando as manifestações naturais e sacrificando o dever que é sacrificar a si, a prole e a humanidade', acusava o doutor Moncorvo Filho (Del Priore, 2014, p. 136).

Para assegurar que as mulheres iriam permanecer em suas casas, ainda de acordo com a autora, houve uma série de bombardeios ideológicos e combate a qualquer forma de incentivo a distribuição de deveres dessas como a condenação a amas, defesa e encorajamento ao aleitamento materno e amamentação exclusiva e prolongada, representação santificada da mãe-esposa-dona, orientação de como ser uma boa mãe e valorização dessas através dos meios de comunicação.

5.1.2 MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO REFORÇO

A maternidade era retratada publicamente por meios de comunicação como boletins, revistas, colunas em jornais, livros, peças teatrais e campanhas publicitárias. A finalidade era meramente persuadir as mulheres de que somente através da maternidade elas cumpririam o papel de sua existência, doutrinando as mães e enfatizando-as de gerar e cuidar dos filhos para garantir bons civis para o bem da Pátria. Em meados do século XVII, segundo Del Priore

(2014), na Europa existiam uma espécie de manuais ensinando como ser bons procriadores eram divulgados como "A Arte de Fazer Filhos". Eles transmitiam supostamente informações sobre como ter filhos saudáveis e levantavam questionamentos sobre uma maior fecundidade nas mulheres ditas mais bonitas. Badinter (1985) informa que após o surgimento do discurso sobre instinto materno em 1760, recomendações às mães em cuidar exclusivamente dos filhos, amamentá-los e educá-los, foram proliferadas através de publicações em meios de comunicação da época.

Ainda de acordo com Del Priore (2014), no Brasil, boletins e folhetins sobre deveres da mulher e benefícios eram distribuídos gratuitamente e colados em postes. Nos manuais de casamento, os filhos eram considerados frutos de condutas virtuosas. O reforço contínuo do discurso acerca do padrão ideal de maternidade eram formas de adestramento e opressão contra as mulheres. A autora traz diversos exemplos de revistas que emitia essa comunicação, em destaque para a Revista Vida Doméstica que publicava agressivamente matérias como "Que virtude brilhante manifesta a mulher como mãe", "A maternidade, o cuidado e os carinhos com sua prole são os primeiros deveres da mulher" que advertia "A mulher que não for boa mãe, deixa por isso mesmo de ser mulher" da Revista Vida Doméstica em 1916. Mensagens de enaltecimento às mães que se sacrificavam pelo filho eram publicadas e faziam questão de compensá-las afirmando a importância de cuidar delas mesmas tendo em vista os cuidados exigidos pelos filhos. Após a chegada da maternidade científica e cultura de higiene, os médicos apoderaram-se das colunas de revistas femininas para reforçar o discurso médico acerca da maternidade e maternagem. Nos anos 1960, a imprensa feminina, dominada por homens, incentivavam as mulheres a se tornarem profissionais em espaço público desde que não abandonassem seus deveres como mães e donas de casa.

5.2 A CULPA MATERNA

Em 1762 Rousseau, em sua publicação "Emílio ou da educação", encoraja o modelo de família baseada no "amor materno" e valorização das crianças. Ele também retrata a mulher como um ser sem qualidades cognitivas e que depende do homem. Além de ser um dos responsáveis para contribuição do novo modelo de maternidade, ele também relaciona este último à moralidade, fazendo com que se crie o grande pesadelo que persegue as mulheres, a culpa materna (Forna, 1999 *apud* Souza, 2019).

A idealização da mãe, da maternidade e sua forma de maternar são os principais

motivos da existência e perseguição até os dias atuais da culpa materna. A partir do momento que o modelo imposto não é possível de ser atingido, toda mãe está fadada a falhar e fracassar. “A maternidade idealizada, que não corresponde às necessidades e possibilidades de mães e crianças, desemboca numa geração desassistida...” (Iaconelli, 2023, p.30). Como ela se torna responsável integralmente pela sobrevivência, educação e futuro da criança. Ou seja, uma vez que as condições de cuidados dependem apenas dela, ela também se torna culpada por tudo que acontece de forma não planejada e não esperada pela sociedade.

Desde o último terço do século XVIII, no contexto ocidental, a culpa caracteriza um importante elemento da construção da figura materna, atuando também como recurso coercivo para que a mulher exerça uma maternidade a mais próxima possível da que é socialmente estabelecida como desejável – uma mãe que assume total ou maior parte da responsabilidade pelos filhos, devotada, amorosa, que oculta sentimentos conflitantes e se penaliza por seus erros (Badinter, 2011 *apud* Souza, 2018).

A mãe é convencida e condicionada a exercer seus limites como forma de amor materno. A sobrecarga e o sacrifício são sinônimos de boa mãe, mas este último se torna inalcançável com as imposições diárias que são feitas e que afastam a mãe propositalmente de atingir o êxito. Como esse ideal de maternidade é inacessível, a culpa que é gerada de fora para dentro, ou seja, a partir de fatores externos, imediatamente se instala dentro dessas mulheres como uma juíza de seus atos e que as pune por não alcançar o inatingível. O sentimento de culpa materna acontece no momento em que reconhecemos que somos e seremos sempre "incompetentes" diante do que nos é exigido. E para além dessa compreensão, nós reprovamos essa "incompetência", que é completamente normal e que deveria ser aceita.

Para discutir a culpa materna é imprescindível abordar o fator biológico que corrobora para a sensação de falha no que se diz sobre o que esperar/exigir de uma mulher quando se torna mãe. A Tristeza Materna ou *baby blues* como é mais conhecido para Iaconelli (2005), é um quadro transitório do humor que acomete 80% das recém-mães e que aparece logo após o parto. É um estado comum, suportável, benigno e passageiro, mas que deve ser acolhido e tratado com responsabilidade para não se estender, agravando o quadro para uma depressão pós-parto. Devido às grandes e significativas mudanças durante o período puerperal como as mudanças hormonais e a queda repentina destes; mudanças psíquicas, uma vez que há transformação da mulher que passa a ser mãe e juntamente o processo de adaptação à nova rotina onde há uma sobrecarga em maternar um bebê e ser responsável por essa vida;

mudanças físicas onde o corpo da mulher que passa por um terceiro estágio de modificação onde não se encontra mais com a barriga de bebê mas também não volta ao ser o que era antes de engravidar; e mudanças sociais, que está ligada a nova perspectiva do bebê como um terceiro membro da família, que interfere diretamente na relação com demais membros e o ambiente onde mãe e filho estão inseridos. Todas essas alterações causam sintomas na mãe como alterações bruscas de humor, tristeza, irritabilidade, baixa autoestima, insegurança, desmotivação, entre outros.

Apesar de comum, a Tristeza Materna não é apresentada para as mulheres durante o pré-natal e muito menos discutida e naturalizada como assim fazem com o ideal materno. Todos esses sentimentos e sintomas do *baby blues* conflitam diretamente com o discurso moral de que se tornar mãe é o momento mais feliz na vida de uma mulher e que ela é preenchida pelo sentimento de completude e felicidade plena. À mãe que só é dada essa última informação, a culpa materna emocional aparece de forma mais impactante e desastrosa pois elas passam a crer que existe algo de errado com elas e que não são dignas de serem mães. Já a mãe que conhece o quadro também se sente culpada, mas de forma menos drástica porque a culpa experimentada é por não conseguir fazer parte da menor parcela de mães que não passam por essa situação, as que atingem de alguma forma o padrão emocional ideal imposto pela sociedade.

Com a imposição moral e ideológica estabelecida o modelo ideal de maternidade era inquestionável, assim como o instinto e amor materno. Além da obrigação da mulher em ser mãe, para ser uma mãe considerada normal e aceita pela sociedade, ela precisava adotar um estilo de vida voltada ao sacrifício do seu eu e devotamento aos seus filhos, apenas dessa forma ela seria digna perante a sociedade. Mulheres que não se sentem representadas e não se encaixam nesse novo modelo são julgadas e culpabilizadas pela sociedade e por elas mesmas, pois ser mãe é o destino natural da mulher e elas estariam indo contra a sua natureza e essência.

Ou as mulheres tentavam imitar o melhor possível o modelo imposto, reforçando com isso sua autoridade, ou tentavam distanciar-se dele, e tinham de pagar caro por isso”. Enclausurada em seu papel de mãe, a mulher não mais poderá evitá-lo sob pena de condenação moral: “da responsabilidade à culpa, foi apenas um passo, rapidamente dado ao aparecimento da menor dificuldade infantil (Badinter, 1985, p. 239 *apud* Resende, 2017, p. 180).

Um estudo chamado "Parentalidade Real", realizado pelo instituto *On The Go*, encomendada pela Huggies e publicado pela Folha de São Paulo em 2022, revelou que 51% das mães brasileiras de crianças de até três anos sentem culpa na maternidade. Esse

levantamento foi feito a partir da entrevista de 1.010 mães e pais de crianças de até 3 anos de todo o Brasil. Além da culpa, 42% também se sentem julgadas como mãe. Uma vez que reprovamos nossa condição de imperfeita e sentimos culpa, não aceitamos quem somos. Então, saímos em uma exausta busca pelo o que supostamente nos falta, procurando o irreal para que ele possa completar esse vazio que sentimos e nos salvar de quem somos. A culpa materna é reforçada intencional e discretamente através desses discursos morais e pela omissão de fatores comprovados sobre a saúde da mulher mãe, para que a mulher acredite que no modelo imposto a elas pela cultura patriarcal e machista de como deve ser uma boa mãe, aceitem ser repreendidas por terceiros ou por elas mesmas e se ocupem focando na busca do padrão perfeito que não existe. A maternidade e a maternagem viraram formas de opressão contra a mulher.

6. METODOLOGIA DE PESQUISA

6.1 MÉTODOS

O propósito desta pesquisa foi buscar identificar o gatilho, discutir e estudar o processo pelo qual as mães puérperas tendem a se culpar por não corresponderem ao padrão ideal emocional materno, criado de forma fantasiosa, romantizada. Ou seja, padrão irreal, e imposto de forma irresponsável e violenta, reproduzida pela mídia e demais esferas públicas. Segundo Lakatos e Marconi (2004, p. 188), tanto métodos, quanto técnicas de pesquisa devem se adaptar ao problema investigado e ao tipo de informadores com quem serão comunicados.

A natureza deste trabalho é de abordagem qualitativa, tendo em vista que procura compreender e interpretar comportamentos, sentimentos, opiniões e demais aspectos inerentes aos processos subjetivos. Neste caso, vivenciados pelas mães puérperas em situações consideradas inadequadas ao exercerem o seu papel de mãe. Lakatos e Marconi (2004, p.269) ressaltam que a metodologia qualitativa “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. Nesse sentido, os procedimentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa são o estudo de caso, que se caracteriza pela investigação detalhada de um ou mais objetos (Gil, 1999, p. 57).

Neste trabalho, foi constituído um grupo de quatro mães, sendo uma das participantes a autora deste trabalho. As três demais foram escolhidas a partir da amostragem em *Snowball* (bola de neve) para definir os sujeitos da pesquisa. Essa técnica será utilizada a partir de sua definição no livro “Métodos de pesquisa para internet”: “(...) a partir de um primeiro caso ou elemento de interesse, identifica-se outro(s), a partir desse(s), ainda outro(s), e assim por diante” (Fragoso; Recuero; Amaral, 2016, p. 80 *apud* Albuquerque e Alves, 2019, p.6). Essa técnica foi escolhida devido à necessidade de fazer um recorte do público-alvo e estudar os objetos em seus espaços, cargos e situações específicas, para obter um resultado intencional na pesquisa.

De acordo com Flick (2009, p. 46) “A amostragem trata não apenas da seleção das pessoas a serem entrevistadas, por exemplo, ou das situações a serem observadas, mas também da seleção dos lugares em que se espera encontrar essas pessoas ou situações”. É preciso explicar também que por ser uma amostragem não probabilística, onde as personagens se conhecem e possuem perfis socioeconômicos/ideológicos parecidos, a amostragem não pode ser considerada genérica, pois sua limitação impede representar toda a população (Malhotra, 2006, p.326 *apud* Albuquerque; Alves, 2019, p.2).

Foi formado um grupo focal antes da gravação do *videocast*, que tem como objetivo o encontro do grupo para realização da entrevista, e, a coleta de dados por meio da interação e comunicação entre os participantes. A formação do grupo focal também permite que as personagens se sintam confortáveis com a presença de cada uma e com o tema que será abordado. Ao todo foram dois encontros: um encontro prévio e outro para a gravação. O encontro prévio aconteceu no dia 26.04.24 (sexta-feira) às 9h e a gravação foi realizada no dia 03.06.2024 (segunda-feira) de 9h às 11h. As datas e horários foram escolhidas em comum acordo com as participantes, de acordo com a logística e disponibilidade de cada uma.

Grupos focais são um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular. São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências. A maior busca é a de compreender e não inferir nem generalizar (Costa et al., 2005, p.181).

O *videocast* é um programa em formato de *podcast* gravado onde há a captação de áudio e imagem, sendo essa última muito importante para o contexto da entrevista, pois chama atenção do público para os entrevistados, *host*, expressões faciais, emoções e todos os aspectos que possam ser notados através da imagem.

A metodologia utilizada trouxe aspectos da pesquisa participante, uma vez que esta “(...) consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (Duarte; Barros, 2005, p.125). Na proposta aqui apresentada, a pesquisadora interagiu com o grupo pesquisado, deixando claro os seus propósitos e intenções.

A técnica de coleta de dados foi realizada a partir da entrevista semiestruturada, com questionamentos relacionados à problemática, estabelecendo uma conversa. A entrevista semi estruturada ou semi-aberta segundo Triviños (p.146, 1987) traz questionamentos que servem de base e que norteiam através do roteiro o interesse da pesquisa. Ela se baseia em parte de certos questionamentos específicos básicos, sustentados por teorias e hipóteses que beneficiam à pesquisa, e que conseqüentemente, apresentam novas interrogativas à medida que se recebem as respostas do entrevistado.

O instrumento de coleta de dados foi a gravação em vídeo, com a finalidade de produzir um *videocast*. O produto teve inicialmente um episódio de 60 minutos de duração e foi editado antes da publicação nas plataformas *Youtube* e *Spotify*. A escolha dessa tecnologia da informação e comunicação (TIC), deve-se ao fato de vivermos em um mundo altamente tecnológico, onde a produção e distribuição de conteúdo midiático são cada vez mais

populares, como é o caso do *videocast*. Esta publicação digital se caracteriza por ser um local onde arquivos em vídeo e áudio podem ser acessados e reproduzidos através da internet e podem ser baixados em seu dispositivo para acesso em momento mais oportuno, além da condição de seu compartilhamento que gera um maior alcance no público-alvo.

6.2 VIDEOCAST

A definição de *videocast* é feita a partir da compreensão do conceito de *podcast*, uma vez que suas nomenclaturas e terminologias são feitas a partir das composições que cada termo apresenta em sua performance. O *podcast*, segundo Sua Imprensa (2024), é uma forma de mídia digital que consiste em episódios de áudio disponibilizados online e sob demanda. Ele se caracteriza por ser um arquivo digital de áudio que pode ser escutado sob demanda, com diversos conteúdos separados e organizados de acordo com os temas e propósitos.

A palavra *podcast* ainda de acordo com Sua Imprensa (2024), é um termo que se origina das palavras *iPod* e *broadcasting*, que tem como significado transmissão de rádio. Porém, diferente da rádio, ele é classificado como arquivo de mídia digital em áudio e sua transmissão é feita a partir de um dispositivo com acesso à internet. Embora tenha essa origem, os *podcasts* não são restritos aos dispositivos da *Apple* e podem ser ouvidos nas mais variadas plataformas e dispositivos disponíveis. O primeiro *podcast* "universalmente" foi feito por Adam Curry e Dave Winer, que criaram um programa chamado "Daily Source Code" em 2004 nos Estados Unidos.

Durante a pandemia da covid-19 o *podcast*, que surgiu em 2004, deu seu *boom* em popularidade. Ele se tornou uma das plataformas de *streaming* mais acessadas em todo o mundo, devido ao seu fácil acesso, que pode ser ouvido a qualquer hora e em qualquer lugar desde que tenha acesso à internet e também pode ser baixado para ouvir offline. Sua procura também se deu devido a sua familiaridade com o rádio, onde há um grande público que consome esse tipo de mídia no Brasil. Um estudo realizado pela **Globo, em parceria com o Ibope**, ocorrido em setembro de 2020 e fevereiro de 2021, com mais de mil pessoas, revelou que 57% dos entrevistados começaram a ouvir programas em áudio digital durante a pandemia, o que faz com que o país já ocupe o quinto lugar no ranking mundial dos que tiveram um crescimento mais acelerado deste meio de comunicação.

O *videocast*, como dito anteriormente, é um formato que se origina do *podcast* mais a inserção de imagem, vídeo, gráfico, animação, entre outros, com o principal adicional da

transmissão de imagem e vídeo. Esse formato, que se popularizou durante a pandemia da Covid-19 assim como o *podcast*, alcançou o público por conseguir transmitir a imagem, ponto forte justamente pelo fato de estarmos em isolamento e não podermos ver pessoas. Além disso, é uma mídia informativa, informal e alternativa, onde qualquer pessoa que dispuser das ferramentas e equipamentos podem construir seu *videocast*, assim como qualquer pessoa que tenha acesso a internet pode assistir, acompanhar e compartilhar.

Os *videocasts* surgiram como uma ramificação orgânica dos podcasts e da crescente transmissão de vídeos na internet. A criação do *YouTube* e outras plataformas de compartilhamento de vídeo facilitaram a produção, distribuição de conteúdo em vídeo, assim como seu consumo. Esse aumento do consumo de vídeo online faz com que os *videocasts* sejam cobiçados, ocupando um papel importante no cenário de mídia digital contemporâneo.

Os programas apresentam debates, discussões, entrevistas e conversas sobre as mais variadas temáticas, de acordo com a proposta e finalidade de cada programa. Seu formato “roda de conversa” aproxima não somente os apresentadores dos convidados, como também dos internautas. Assim como em mesas de conversas do radiojornalismo, dispõe de apresentadores e convidados, transmissão por vídeo, cenário, captação de áudio e imagem, roteiro, pauta, entre outras demais ferramentas que são aprendidas no curso de jornalismo em multimeios.

O videocast **Conversas que Libertam**, traz como tema a culpa materna no puerpério que as mães sentem ao não alcançar o padrão emocional ideal que é imposto às mães. Esse modelo que diz que a mãe ao parir deve experimentar o estado de felicidade plena e completude, e que não há mais uma justificativa para suas reivindicações próprias ou suas próprias necessidades de existência, pois tornar-se mãe automaticamente te justifica e te reafirma apenas como tal, nos silencia, nos oprime e nos leva a experienciar mais um sentimento negativo tendo em vista que isso nos afeta emocionalmente.

O videocast foi feito foi pensado e realizado com o objetivo de ser um canal de comunicação e transmissão de conhecimento, disseminar informações com responsabilidade, empatia e cuidado, para que mães que não possuem acesso ao ambiente acadêmico tenham o direito de entender seus processos como mãe e mulher, que elas nos ouçam, nos vejam, se enxerguem em nós e enxerguem em nós uma nova possibilidade ou novas possibilidades para sua maternidade e maternagem.

6.3 PRÉ-PRODUÇÃO

Para alcançar e cumprir o resultado final esperado desta pesquisa, a fase de pré-produção se fez como um alicerce, onde toda sua fundação e estrutura precisou ser bastante "escavada" e explorada. Para isso, primeiramente foi realizada uma ampla leitura bibliográfica para entender melhor a temática, como ela está sendo discutida, qual motivação dos estudos, quem são as pessoas que estão abordando e onde. Toda essa investigação se fez necessária para compreender como trazer uma abordagem diferenciada das existentes e como ultrapassar o espaço acadêmico e alcançar o espaço público-social, se adequando e se aproximando da realidade das mães comuns que tenho como público-alvo.

Descobri que há muita leitura acerca do tema, onde a maioria são acadêmicas e técnicas, e as demais são livros de autores estrangeiros. Não consegui ler todas as pesquisas que trazem o tema, porque, felizmente, são muitas ao redor do mundo, mas consegui um bom volume desses trabalhos e a partir deles podemos classificar quais se aproximavam mais desse estudo. A maioria desses trabalhos são provenientes de estudos da Psicologia e Psicanálise, então tivemos a necessidade de estudar um pouco esses campos, para depois entender de onde vem a problemática dessa pesquisa.

Optamos por fazer as leituras a priori, porque precisava de uma grande quantidade e qualidade de informação para a gravação do videocast. As leituras nos deram uma elucidada a respeito das personagens que gostaria de trazer na pesquisa e por fazer parte de um grupo no *WhatsApp* de mães. Decidimos aplicar o questionário com essas mães, a fim de escolher as que se encaixariam nos perfis para a pesquisa. Entretanto, devido à temática e o formato do produto, onde há exposição de opiniões e das pessoas, de 159 participantes apenas três (03) responderam o formulário durante um prazo de um mês. Foi preciso desconsiderar esse método.

Em conversa com minha orientadora, chegamos no primeiro nome da personagem. Danny, que é enfermeira obstétrica e doula, foi contratada como doula pela minha orientadora em 2018 e posteriormente por mim em 2021. A partir dela chegamos nos outros dois nomes, partindo da amostragem em *Snowball* (bola de neve). No dia 11 de abril conversei com as personagens pelo *WhatsApp* convidando-as para participar deste trabalho, todas aceitaram imediatamente e em seguida comecei a procurar uma data para marcar o encontro prévio do grupo focal.

O encontro, como já dito, só aconteceu no dia 26.04.24 (sexta-feira). Durante todo o

mês não consegui uma data, devido às minhas ocupações da minha maternagem e os muitos imprevistos que tive nesse período, além de algumas condições das participantes que se chocavam. Apenas no dia 25, um dia anterior da nossa reunião, uma das mães me contatou e me avisou que estaria de folga no dia seguinte. Rapidamente entrei em contato com as outras duas e ambas estariam livres pela manhã. Ao escolhermos um local para o nosso encontro, todas acharam melhor que fosse na minha residência e aceitaram a condição de solicitar um carro por aplicativo custeado por mim, assim, o primeiro contato do grupo focal aconteceu.

O encontro foi muito positivo, porque todas se conheciam, mas não se viam há algum tempo devido às diversas demandas e responsabilidades em ser mãe e trabalhar. Assim que todas chegaram o assunto era ~~hegemônico~~: a complexidade da fase atual de cada filho/a, como está sendo lidar com ela e a culpa que sentimos por, talvez, não estarmos lidando da forma correta. Passamos uma hora falando sobre a culpa materna que, diferente deste trabalho, não se restringe a uma fase, e depois mais uma hora conversando de fato sobre a culpa materna durante o puerpério.

Quando delimito o tema e resolvi estudar a culpa materna apenas durante o puerpério, achei que o recorte ficou muito pequeno e preciso, e não teria abertura para eventuais explorações fora dele. Porém, no desenrolar da conversa notei que a culpa materna no puerpério é uma temática muito ampla, pois revela diversas outras problematizações da maternidade e maternagem. Sempre que identificávamos um porquê daquela culpa, também identificávamos um outro problema que se escondia por trás daquele contexto. Foi uma conversa de muito aprendizado, produtiva, novas perspectivas, enriquecedora, engraçada, leve e natural. Foi da forma como visualizamos esse trabalho.

Encerramos com possíveis datas para a gravação do videocast e confirmamos no dia 15 de maio a data estabelecida e acordada por todas: 3 de junho de 2024 às 09h. Sempre tive certeza a respeito da escolha do formato do produto, que é um *videocast*, mas nunca tinha parado para pensar onde ele seria gravado. Somente no dia 11 de abril comecei a procurar estúdios de gravação. No Departamento de Ciências Humanas, onde curso jornalismo, não há nenhuma estrutura para o formato. O departamento dispõe apenas de um estúdio de TV e de um estúdio de rádio antigo, que fica localizado geograficamente em outro departamento. Em Juazeiro (BA) e em Petrolina (PE) encontrei apenas dois espaços profissionais: um respondeu e o outro prontamente atendeu. Percebe-se que não houve uma escolha. Em duas cidades, de estados distintos, não possuem esse tipo de espaço como mercado de trabalho.

6.4 PERFIL DAS PERSONAGENS

- **Alana Damasceno Arruda Camara**

Alana Camara ou Guia de Famílias (seu instagram profissional voltado à educação parental) como é conhecida, é natural e reside em Juazeiro (BA), possui 36 anos de idade, mãe de dois filhos e é jornalista por formação. Escolheu o jornalismo devido a sua paixão por pesquisar, conhecer pontos de vista diferentes, escrever e contar histórias. Graduada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pós graduada em gestão estratégica de relações públicas pela Faculdade Batista Brasileira (FBB). Atuou por muitos anos como produtora de conteúdo, assessoria de imprensa e, posteriormente, como gerente de marketing. Na gestação da sua filha mais velha optou por não retornar ao trabalho remunerado e passou a estudar sobre desenvolvimento infantil, educação respeitosa e o método de educação Montessori, onde fez diversos cursos nessas respectivas áreas. Logo, a Educação Parental "foi um caminho natural a partir do meu profundo interesse e estudos sobre o tema". Essas escolhas a levaram a se tornar escritora, com um livro lançado ano passado sobre educação respeitosa.

- **Dannyely Andréia Silva**

Danny Silva, como gosta de ser chamada, é uma mulher preta de 36 anos e mãe de três filhos, um adolescente de 14 anos, uma pré-adolescente de 11 anos e uma criança de 3 anos. Natural e residente de Petrolina, transitou muito entre graduações para enfim parar no ciclo gravídico puerperal. Atualmente é Enfermeira Obstetra pelo Israelita Albert Einstein, Doula, Educadora Perinatal e Consultora em Aleitamento Materno. Os primeiros contatos com a maternidade consciente e respeitosa chegaram na gestação do filho mais velho e perduraram até se tornar profissão, quando abandonou a Educação Física, sua primeira formação para viver de parto.

- **Gina Lorena de Carvalho Barboza Moreira**

Gina Carvalhopsi (seu instagram profissional voltado a relacionamentos), é natural de Campo Formoso, mas reside em Juazeiro (BA). Tem 39 anos de idade, mãe de um adolescente de 14 anos e é formada em psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Sua primeira experiência profissional foi numa clínica de reabilitação para dependentes químicos, depois atuou no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em dois municípios, até decidir se dedicar apenas à clínica, para ter mais tempo com a família. A sua experiência com pacientes com questões acerca da maternidade (depressão pós

parto) e crise conjugal, a levaram a dedicar os seus estudos à área da parentalidade e perinatalidade, a princípio para dar conta das próprias demandas e posteriormente apoiar a jornada de outras famílias. Hoje é reconhecida pelo seu trabalho com casais e gestantes na região do Vale do São Francisco.

6.5 PRODUÇÃO

Para produzir um *videocast* é preciso elaborar um roteiro. "O roteiro é a forma escrita de qualquer obra audiovisual. Mas é preciso que se diga que o roteiro não é uma simples obra literária, ou melhor, ele é 'uma forma literária efêmera, pois só existe durante o tempo que leva para ser convertido em um produto audiovisual'" (Comparato, 1995, p. 39 *apud* Gil; Helena, 2012, p.10). Ele vai estruturar todo o episódio, detalhando o que irá acontecer na gravação, norteando o apresentador e convidados de suas falas e do que será apresentado, para assim obter um resultado objetivo e conciso de uma mesa de conversa. Como sua aplicação de coleta de dados consiste na entrevista semiestruturada, ela acaba sendo flexível apesar de possuir um roteiro prévio, permitindo que haja interações não planejadas e tornando essa conversa mais natural. Segundo Duarte e Barros (p.66, 2005), "a lista de questões desse modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta de forma mais aberta possível".

A criação do roteiro e entrevistas foi feita dia 25 de abril de 2024 e finalizada para a versão final no dia 29 de maio de 2024. Foi feito um roteiro básico com apresentação, quatro blocos de perguntas e encerramento, mas no dia da gravação foi executado apenas a introdução, três blocos de perguntas e o encerramento devido a um bloco já ter sido respondido de forma indireta em outros questionamentos. Para não ficar repetitivo, decidi na hora por não o apresentar, além do horário que já havia passado do estipulado por mim para as entrevistadas.

A gravação do episódio aconteceu no dia 03 de junho de 2024 pela manhã como combinado, como no meu cotidiano não tenho tempo para lavar o cabelo por exemplo, para conseguir chegar a tempo e me produzir para a gravação (fator importante para mim), precisei acordar às 03h da manhã. Calculei esse horário para poder lavar e secar o cabelo, organizar os materiais que precisei levar, separar comida, passar roupa, comer, fazer maquiagem, me arrumar, fazer alguns ajustes no roteiro, confirmar estúdio e convidadas e sair com uma hora de antecedência para não correr risco de atraso.

Fiquei responsável de chamar o carro por aplicativo pois a minha casa era a mais

distante do local, então solicitei e coloquei as paradas na clínica e na casa das duas mães que residem em Juazeiro (BA) e depois seguimos para o estúdio profissional de videocast alugado por mim que fica em Petrolina (PE). A terceira mãe mora na cidade pernambucana e solicitou seu carro por aplicativo. Vale salientar que optamos por utilizar carro de aplicativo como meio de locomoção porque eu custeei as passagens de todas. Chegamos por volta de 8h 30m no estúdio, mas devido a problemas técnicos do mesmo, só foi possível iniciar a gravação com um pouco mais de uma hora de atraso, o que comprometeu nosso horário, uma vez que 12h era o horário das convidadas pegarem seus filhos na escola e perto do meu horário de levar a minha filha.

O videocast tem duração total de duas horas. Por seu formato ser roda de conversa, não houve divisões de episódios, sendo apenas um episódio extenso onde foi discutido todo o tema seguindo o roteiro. Ele foi gravado em um estúdio profissional alugado e pago por mim. Todos os registros de gravação de imagem foram feitos por duas câmeras Neoid e um Iphone 11. Para a gravação de áudio foram usados quatro microfones Audiotechnica e o programa de gravação escolhido foi o OBS STUDIO. Todo material resultou em 54 GB, que foi preciso ser colocado no drive com uma compra extra de armazenamento pois a versão gratuita não dispõe de espaço suficiente.

Quando terminamos a gravação, ainda dentro do estúdio, fizemos um lanche com os bolos que levei para comermos no local, pois levei em consideração o horário que sairíamos de casa e o tempo que passaríamos gravando. O intuito era poder comer durante a gravação já que o formato permite tal informalidade, mas foi uma conversa tão importante para todas que não lembramos.

O processo criativo da logo do *videocast* foi feito totalmente por mim. Sempre pensei em criar uma imagem oposta ao esperado de um trabalho sobre maternidade, justamente por discutir os sentimentos antagônicos do que é imposto pela sociedade, então a ideia principal era fugir de uma criação romantizada da mãe. Devido ao nome ser *Conversas que Libertam*, tive a ideia de colocar uma boca feminina falando em um microfone. Adicionei um batom na cor vermelha para passar a ideia de feminilidade, de ser mulher antes de ser mãe, uma vez que no passado não muito distante a mulher só era considerada mulher se esta fosse mãe. A cor vermelha foi escolhida intencionalmente por ser a cor escolhida para o inverno no mundo da moda.

Em 2023 a Pantone escolheu a cor Viva Magenta como a cor do ano, no ano seguinte o vermelho cereja se tornou aposta das principais grifes internacionais em seus desfiles de

moda. Para dar um sentido ao batom e não apenas deixá-lo como "enfeite", inseri um *swatch* em inglês no formato retangular para servir de fundo para o título do *videocast*. A cor cinza do fundo foi escolhida também por ser uma cor em alta na moda e ser uma cor sóbria, para não ficar muito escuro escolhi o efeito degradê que finaliza no branco para equilibrar os tons. As imagens da boca, batom e amostra foram geradas pelo ChatGPT 4.0 O, versão paga, e, ordenadas por meu pai Eugênio Marques. O microfone foi importado do Canva e a imagem final também montada por mim através do Canva.

6.6 PÓS-PRODUÇÃO

A gravação do *videocast* como dito anteriormente teve duração de duas horas, um minuto e 30 segundos, tempo dentro do prazo estabelecido por mim inicialmente na pré-produção do produto. Mas por ter como público-alvo mães, e estas em sua maioria possuem muitas demandas provenientes das duplas ou até mesmo triplas jornadas de trabalho contando com a maternagem, optei por diminuir esse tempo para que elas não somente tenham interesse em assistir, como consigam assistir dentro de suas rotinas. Por ter sido uma mesa de conversa com entrevista semiestruturada, o programa não seguiu o roteiro precisamente como previsto, já que o intuito era dar flexibilidade e liberdade para as participantes, logo houve a necessidade de assistir a gravação algumas vezes, analisar o que seria mais interessante e de maior extrema importância de ser abordado nesse momento e preparar um roteiro de edição após esta análise.

Após assistir o material, comecei a fazer a decupagem do material. Em seguida identifiquei o que me incomodava de primeiro, como palavras repetidas, erros, conversas que fugiram totalmente do tema, que não edificaram a pauta e falas que poderiam ser tiradas de contexto. Optei por retirar essas últimas por prevenção de que façam alguma polêmica acerca da fala e que o objetivo desta pesquisa tome outro direcionamento pretendido. Infelizmente esse formato permite que as pessoas façam recortes, descontextualizando uma fala e a partir dela criem uma outra narrativa dando abertura para que se tenha uma interpretação errônea do que é dito.

A remoção desses materiais citados não foi suficiente para diminuir significativamente a duração do vídeo. Então foi necessário cortar um bloco completo de perguntas e a maioria dos meus depoimentos para não precisar retirar mais falas das entrevistadas pois desta última forma comprometeria o objetivo deste presente trabalho. Somente depois deste procedimento o tempo da gravação reduziu para uma hora e 13 minutos, sendo este a extensão mínima que

consegui para que o material não fosse comprometido e que simultaneamente se adequasse à realidade das mães. A decupagem e edição do vídeo foram feitas no aplicativo Capcut para desktop.

Para finalizar a edição do material fiz uma vinheta simples apenas com a logo em formato de *banner* para *Youtube* no Canva, inseri uma passagem de créditos feita no aplicativo Capcut, criei um vídeo curto em forma de créditos com informações do *videocast* como o nome, número e nome do episódio, nome do apresentador e agradecimentos também no Canva, adicionei a melodia "Danger Storm" de Kevin MacLeod no site Incompetech que permite o download de músicas gratuitamente e sem licença e o efeito sonoro "Glass Smash" do banco da Pixabay que também oferece a modalidade de download gratuito e sem licença.

Para se adequar ao som da vinheta, acrescentei uma transição de tela quebrada entre a capa e o vídeo do programa. O tipo dessa transição só tinha disponível no Capcut PRO, então precisei assinar e desembolsar R\$ 19,90. A ideia inicial era colocar um efeito sonoro de correntes de ferro se quebrando, para fazer alusão ao nome "Conversas que LIBERTAM" remetendo a palavra conversas à corrente que se liberta ao se quebrar, mas não achei um efeito apropriado.

O vídeo modificado e finalizado foi reduzido para uma hora, 13 minutos e 37 segundos, com um tamanho de armazenamento de 23,11 GB, em resolução 4k a 60fps. Esse processo durou dois dias completos devido ao tamanho completo do material que continha 54 GB e a minha falta de prática com edição. Ele foi feito em um final de semana, pois eram os únicos dias em que minha mãe podia ficar integralmente com a minha filha tendo em vista que dia de semana ela trabalha e eu quem sou responsável pela minha filha, levo à escola, à fisioterapia e materno pela manhã e noite. Como já havia investido um valor considerado alto para minha realidade de estudante desempregada em um estúdio de gravação, precisei fazer todo o restante por minha conta por não ter mais orçamento. Foram dois dias que eu poderia ter utilizado para produção do memorial se eu tivesse terceirizado essa parte, mas não tive condições.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O videocast *Conversas que Libertam* teve como objetivo compartilhar experiências de mães comuns e que trabalham com maternidade, que enfrentaram a culpa no puerpério, a fim de que seus relatos possam ser ouvidos por outras mães que estejam passando pela mesma situação e que se sintam incompetentes ou distantes do que é exigido socialmente, sentimento

este resultante de um discurso ideológico sobre como exercer a maternidade correta conforme os padrões. Com o propósito de trazer vivências que possam se aproximar de outras e provar que os sentimentos antagônicos experimentados após o parto são reais, normais, comuns e que precisam ser ouvidos, acolhidos e discutidos.

O produto atingiu os objetivos do presente trabalho, pois discutiu a culpa materna no puerpério proveniente de sentimentos negativos, refletiu sobre como ela é gerada e estabelecida na mente das mães, discorreram sobre suas experiências pessoais como mães e suas opiniões sobre o tema de acordo com suas profissões.

A produção desta pesquisa possibilitou o aprofundamento do conceito de maternidade, a partir de sua construção histórica e social, revelando esse processo como o principal causador da culpa materna. A vasta leitura bibliográfica permitiu fazer um apanhado dos principais fatores e acontecimentos durante a história da civilização no que se diz a respeito à maternidade, que contribuem até os dias atuais para o sentimento constante de culpa, exigência, falha e punição das mães. É possível observar que as mulheres historicamente sofrem pressões de gênero. Elas são rotuladas e vistas como um produto que se adequa às necessidades da sociedade.

Atualmente existem dois discursos acerca da maternidade, um que define e limita a capacidade da mulher e outro que contesta esse. Os dois discursos predominantes apresentados, se fazem presentes nos dias de hoje e eles provocam conflitos na mulher atual, a fazendo se sentir culpada de uma forma ou de outra, independente da escolha que faça porque a mídia dá a entender que há somente essas duas opções e elas obrigatoriamente precisam escolher uma para defini-las. Ou elas cedem às pressões da sociedade machista e reproduzem o modelo imposto ou elas totalmente o rejeitam. Essa dualidade foi frequentemente reforçada pelos meios de comunicação, que surgiram e foram evoluindo assim como o avanço da sociedade e avanço tecnológico, acompanhando todos os discursos e necessidades da época até os dias atuais. A mídia possui uma grande responsabilidade no ideal de maternidade e na culpa materna porque foi totalmente através dela que esses discursos foram disseminados e propagados em massa, alcançando toda região ocidental e parte oriental da civilização mundial. Os meios de comunicação são poderosos dispositivos de comunicação e informação, como também podem ser poderosos mecanismos de alienação, opressão, desinformação e adoecimento quando usados por pessoas erradas e com intenções erradas.

A pesquisa apontou que o conceito de maternidade variou durante séculos e era definido a partir das necessidades de cada tempo e de cada cultura. O conceito defendido no

final do século XVIII e durante o século XIX é o que permanece atualmente. Para discutir maternidade é preciso discutir gênero, história, religião, ciência, medicina e comunicação. Todos esses temas estão agrupados e constituem a maternidade. Portanto, não é necessário escolher um tipo de maternidade como é divulgado socialmente, a maternidade pode ser construída por cada mulher a partir dos elementos, crenças e entendimentos que elas optarem, preferirem, que façam sentido para sua vida e que se adequem a sua realidade.

8. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Juliana Cristina Barbosa; ALVES, Rafael Delfino Rodrigues. **Técnica Bola De Neve Em Construção Amostral Na Rede Social Instagram**. Portal INTERCOM, 2019. Disponível em <<https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0575-1.pdf>>. Acesso em 19 maio 2024.

ARAÚJO, Maria de Fátima; DE MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim. **A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos**. Scielo Brasil, 2004. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>>. Acesso em 10 jul 2023.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981

ATHOUGUIA, Geiziele Nathália França. **Possibilidade de desenvolvimento da oralidade por meio da transposição do gênero resenha para gênero videocast**. Repositório UFMG, 2018. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1843/45107>> Acesso em 03 jun. 2024.

ÁVILA, Paloma Santos. **A construção da maternidade no Instagram : uma análise dos perfis "Mãe de sete" e "A maternidade"**. 2018. 117 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018. Disponível em <<http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/1045>>. Acesso em 10 ago 2023.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BALACÓ, Bruno; GUIMARÃES, Carlos; RUTILLI, Marizandra. **A reinvenção da resenha via Mesacast: o modelo brasileiro de podcast esportivo**. Repositório INTERCOM, 2023. Disponível em <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202323200964dd83d9eed0d.pdf>. Acesso em 03 jun 2024.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

CARVALHO, Kelly M. Ayala de; SALDANHA, Gustavo Silva. **O som que o documento tem: o podcast da web 2.0 ao princípio monográfico**. Repositório FGV, 2018. Disponível em <<https://hdl.handle.net/10438/23942>>. Acesso em 03 jun. 2024.

CÉSAR, Ruane Cristine Bernardes; ANDRADE, Bárbara; LOURES, Amanda. **A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher**. Revista Mosaico, 2019. <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1956/1342>. Acesso em 10 jul 2023.

Comparato, Doc. **Da Criação ao Roteiro. Edição revisada e atualizada, com exercícios práticos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Consumo de podcasts tem crescido no Brasil: Entenda o porquê. Jornal de Brasília, 2023.

Disponível em <<https://jornaldebrasil.com.br/entretenimento/consumo-de-podcasts-tem-crescido-no-brasil-entenda-o-porque/>>. Acesso em 13 maio 2024.

CORREIA, Maria de Jesus. **Sobre a maternidade**. Repositório ISPA, 1998. <http://hdl.handle.net/10400.12/5739>. Acesso em 5 de dez 2023.

COSTA, Jurandir Freire. (1999). **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. 2 ed. Sao Planeta, 2014. Paulo: Editora

DEL PRIORE, Mary. **Histórias das mulheres no Brasil**. 10 ed. Sao Paulo: Editora Contexto, 2015.

DOS REIS, Mariane Tomáz. **O Vínculo mãe-filho: o mito do amor materno e a cultura contemporânea**. Disponível em: http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/spic/monography/O_VINCULO_MAE_FILHO_o_mito_do_amor_materno_e_a_cultura_contemporanea.pdf> Acesso em 03 jun 2024.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Rio de Janeiro: Civilizaç ao Brasileira, 2017.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, Renata de Fátima Leite. **Pronome a: narrativas para ruptura de conceitos patriarcais sobre o ser mulher e o feminino**. Repositório UFRN, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/38435>>. Acesso em 8 dez 2023.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulaç ão**. Sao Elefante, 2017. Paulo:

FERRARI, Andrea Gabriela; **PICCININI**, Cesar Augusto. **Funç ão materna e mito familiar: evidê ncias a partir de um estudo de caso**. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982010000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 fev 2023.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FORMIGA, Íris Maria de Oliveira. **Ambivalências e sentimento de culpa na vivência da maternidade contemporânea**. Repositório Uniceub, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15840>>. Acesso em 15 dez 2023.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil**. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2009.

FREUD, Sigmund (1932). Feminilidade. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.) (Vol. 22). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. GELLIS, André; HAMUD, Maria Isabel Lima. **Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente**. Psicologia USP, Sao Paulo, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo. Atlas, 1999.

GIL, Dulcinea (org); HELENA, Michelline (org). **Processo de criação - roteiro audiovisual**. SEDUC Ceará, 2012. Disponível em <https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2012/11/producao_de_audio_e_video_processo_de_criacao_roteiro_audiovisual.pdf>. Acesso em 04 jun 2024.

GONZAGA, Tulio. **Público paulista de podcast dobrou durante a pandemia**. Jornal da USP, 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/publico-paulista-de-podcasts-dobrou-durante-a-pandemia/>>. Acesso em 03 jun 2024.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. **Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade**. Pensando fam., Porto Alegre , v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2024.

HAGUETTE, T.M.F. (1987) **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes.

Sua Imprensa. **História do podcast: da criação à popularização**. 2024. Disponível em <https://suaimpresa.com.br/blog/historia-do-podcast-da-criacao-a-popularizacao/#Popularizacao_do_podcast>. Acesso em 03 jun 2024.

IACONELLI, Vera. Depressão pós-parto, psicose pós-parto e tristeza materna. **Revista Pediatria Moderna**, 2005. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1927.pdf>> Acesso em: 26 mar 2024.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. São Paulo: Anna Blume, 2015.

IACONELLI, Vera. **Criar filhos no século XXI**. São Paulo: Contexto, 2020.

IACONELLI, Vera **Manifesto Antimaternalista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LISBOA, Alveni. **O que é podcast? | A história de como surgiu o "rádio na web"**. Canal Tech, 2022. Disponível em <https://canaltech.com.br/internet/o-que-e-podcast-a-historia-de-como-surgiu-o-radio-na-web/#google_vignette>. Acesso em 03 jun 2024.

LOUREIRO, Juliano. **O que é um podcast? Tudo o que você precisa saber**. Pod Ler e Escrever, 2022. Disponível em <<https://www.podlereescrever.com.br/o-que-e-um-podcast>>. Acesso em 03 jun 2024.

Maternidade, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Michaelis. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maternidade>>. Acesso em 10 jun 2024.

MATTOS, Lídia Maria de Castro. **Relatório do produto midiático - Podcast PODPRÁ Mulher**. Repositório UNAERP, 2023. Disponível em <<https://jornalismounaerp.com.br/wp-content/uploads/2024/03/Relatorio-Podpra-Mulher-Lidia-Mattos.pdf>> . Acesso em 03 jun 2024.

MENDONÇA, Maria Collier de; **OLIVEIRA-CRUZ**, Milena Freire de. **Maternidade nas Mídias**. Repositório Digital da UFSM, 2021. Disponível em <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/21291/Maternidade%20nas%20M%C3%ADdias.pdf>>. em Acesso em 16 out 2023.

MOURA, Danielle Ferreira Gomes. **Maternidade e poder**. Rev.Mal-Estar Subj, Fortaleza, v. 13, n. 1-2, p. 387-404, jun 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 out 2023.

OLIVEIRA, P. B. de. A mulher atual e a representação da maternidade. Universidade Católica De Pernambuco Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão - Mestrado em Psicologia Clínica. Recife, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp131225.pdf> Acesso em 16 set. 2019.

PAIVA, Nínive Laura de Araújo. **Pronome a: podcast para acolhimento de assuntos femininos e feministas**. Repositório UFRN, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/38429>>. Acesso em 20 out 2023.

Pandemia provoca aceleração do consumo de podcasts no Brasil, revela pesquisa. Extra, 2021. Disponível em <<https://extra.globo.com/economia-e-financas/pandemia-provoca-aceleracao-do-consumo-de-podcasts-no-brasil-revela-pesquisa-25120095.html>>. Acesso em 03 jun 2024.

POLITI, Cassio. **Conheça a história do podcast — e descubra que esse nome não foi criado pela Apple**. Tracto, 2024. Disponível em <<https://www.tracto.com.br/historia-do-podcast/>>. Acesso em 03 jun 2024.

POSTER, Mark. **Modelos de Estrutura da Família**. Teoria Crítica da Família. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RESENDE, Deborah Kopke. **Maternidade: uma construção histórica e social**. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15251/11732>> Acesso em 5 dez 2023.

STRAPASSON, Márcia Rejane; **NEDEL**, Maria Noemia Birck. Puerpério imediato: desvendando o significado da maternidade. Scielo, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000300016>> Acesso em 22 jul 2024.

SCAVONE, Lucila. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero**. Scielo, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004>>. Acesso em 5 de dez 2023.

SITTA, Gabriela Dal Bosco. **O pensamento sobre as mães e a maternidade: uma breve história**. Revista História e Cultura UNESP, 2023. Disponível em Acesso em 10 mar 2023.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. **Narrativas Pessoais de Mulheres sobre a Maternidade nas Mídias Sociais: Principais Resultados de Pesquisa**. Portal Intercom, 2019. Disponível em <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0131-1.pdf>>. Acesso em 16 out 2023.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. **Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!": narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, 2019. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/14957>>. Acesso em 16 out 2023.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. **Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais**. Revista Ártemis, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 89–112, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v25n1.37640. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37640>. Acesso em: 16 out 2023.

SOUZA, Luiz Paulo. **Mais da metade das mães de crianças sente culpa na maternidade, diz estudo**. Folha de S. Paulo, 2022. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2022/07/mais-da-metade-das-maes-brasileiras-sentem-culpa-na-maternidade-diz-estudo.shtml>>. Acesso em 10 mar 2023.

Tensionamentos maternos na contemporaneidade: articulações com o cenário brasileiro. Revista Crítica de Ciências Sociais, 2020. Disponível em <<https://journals.openedition.org/rccs/10972>>. Acesso em 13 maio 2023.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TOURINHO, Júlia Gama. **A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade**. Núcleo Materna, 2006. Disponível em <https://www.nucleomaterna.org/_files/ugd/e7c51b_7a862cc0f7be4736944c6c6614f4161c.pdf>. Acesso em: 11 jun 2024.

Videocast: entenda como o novo formato de conteúdo pode ser um diferencial à comunicação de sua banca. Agência Javali, 2022. Disponível em <<https://agenciajavali.com.br/videocast-entenda-como-o-novo-formato-de-conteudo-pode-ser-um-diferencial-a-comunicacao-de-sua-banca/>>. Acesso em 03 jun 2024.

Videocast: O que é, como funciona e como criar o seu próprio. Sua Imprensa, 2023. Disponível em <<https://suaimpresa.com.br/blog/videocast-o-que-e-como-funciona-e-como-criar-o-seu-proprio/>> Acesso em 03 jun 2024.

VINUTO, Juliana. **A Amostragem em Bola de Neve na pesquisa Qualitativa: Um debate em Aberto**. Sistema de Bibliotecas UNICAMP, 2014. Disponível em <<https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>>. Acesso em 19 maio 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

Eu, _____,
portadora do CPF _____, AUTORIZO a utilizar a minha
imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados para o
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Vitória Maria Rodrigues Marques, do
curso JORNALISMO EM MULTIMEIOS da Universidade do Estado da Bahia, campus III,
Juazeiro, orientado pela professora Dalila Carla dos Santos. A presente autorização é
concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território
nacional, bem como na exibição em congressos, exposições, prêmios acadêmicos e outros
similares.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo ainda a realizar nas imagens e sons
captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e
também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas,
securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre a cedente e a
Universidade.

Juazeiro, 25 de junho de 2024

Assinatura da Cedente

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA SELEÇÃO DE MÃES

QUESTIONÁRIO PARA SELEÇÃO DE MÃES

Este questionário tem como objetivo colher informações gerais sobre sua maternidade, de forma que a partir das respostas uma seleção de quatro mães seja feita de acordo com as características que busco. Estas mães farão parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso, de tema: "Conversas que libertam: a culpa que persegue mães", onde será feito um videocast onde as mães selecionadas participarão de uma conversa/ entrevista relatando suas experiências pessoais com o sentimento da culpa no período do puerpério. Lembrando que além do videocast, a entrevista também estará presente no memorial escrito.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome completo *

2. Já sentiu algum tipo de culpa durante o exercício da maternidade? *

SIM

NÃO

3. Sobre a resposta anterior, se a resposta foi sim quais situações que lhe trouxeram à tona esse sentimento de culpa? (não precisa citar todas)

4. Faixa etária *

Entre 15 e 25 anos

Entre 25 e 35 anos

Entre 35 e 45 anos

Entre 45 e 55 anos

Entre 55 e 65 anos

5. Escolaridade *

6. Profissão *

7. Estado Civil *
- Solteira
- Casada
- Separada/ Divorciada
- Viúva
8. Tipo de parto *
- Normal
- Cesárea
9. Quantos filhos você tem? *
10. Possui rede de apoio? *
- SIM
- NÃO
11. Sobre a pergunta anterior, se a resposta foi sim quais tipos de rede de apoio?
12. Renda mensal da família *

Sobre o Vídeocast

A ideia é realizar uma entrevista no formato conversa (bate-papo) com todas as mães selecionadas juntas em um estúdio de gravação de Vídeocast e dialogar a respeito da culpa materna vivenciado por cada uma durante o puerpério. O vídeocast será apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso e também nas redes sociais Youtube, Instagram, Spotify e Facebook. Não será transmitido ao vivo porém não será editado justamente pela intenção de ser uma entrevista/ conversa realizada de forma leve e natural.

13. Você tem interesse em participar do meu TCC? *
- SIM
- NÃO
- Quero entender melhor
14. Exibir sua imagem no Vídeocast é um **problema** para você? *
- SIM
- NÃO
15. Caso seja um **problema**, qual seria?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE GRAVAÇÃO E ENTREVISTA

Roteiro de Videocast Conversas que Libertam

Episódio 01: "Culpa Materna no Puerpério" Duração Estimada: 2 horas

Apresentação (20 minutos) Vitória Marques:

> "Oi minha gente// Sejam todos muito bem-vindos ao videocast CONVERSAS QUE LIBERTAM/ produto do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo e Multimeios/ eu sou Vitória Marques/ já posso dizer jornalista? Ainda não né? É importante se formar antes kkkkkkk Quase jornalista e mãe// Hoje vamos conversar sobre o meu problema de pesquisa/ a CULPA MATERNA NO PUERPÉRIO/ um "fenômeno" se assim posso chamar/ que atinge todas as mães do mundo// E para realizar essa conversa de forma empática e responsável/ eu e vocês que estão assistindo estamos tendo a honra de ouvir essas três profissionais e mães maravilhosas// Por favor se apresentem//"
Convidada 1 - [Danny Silva], enfermeira obstetra, doula e mãe de três filhos//

Convidada 2 - [Alana Camara], jornalista, educadora parental, escritora e mãe de dois filhos//

Convidada 3 - [Gina Carvalho], psicóloga e mãe de uma filha// Vitória Marques:

> "Para darmos início a essa conversa, gostaria de saber de vocês: Como surgiu o interesse por ser mãe? A gravidez foi planejada? Ser mãe sempre foi uma vontade sua? De onde você acha que "nasceu" essa vontade? Com qual idade vocês foram mãe? Foi uma gravidez planejada?"

> **Contar uma breve história//**

Vitória Marques:

> "Eu fiz essas perguntas porque elas revelam muito sobre a problemática né? Elas são determinantes para avaliarmos algumas questões e podem até serem respostas para outras// A culpa materna é um sentimento que nós mães enfrentamos logo após nos descobrimos grávidas// Nós sabemos que a construção dessa culpa materna está ligada às pressões sociais e culturais sobre o que significa ser uma 'boa mãe' e/ a partir desse modelo que é estabelecido/ como criamos em nós mesmas expectativas/ sobre como conseguir ser essa mãe perfeita/ que não existe e como isso nos afeta emocionalmente//"
Introdução (5 minutos)

> "A maternidade/ foi moldada diversas vezes para se adequar ao período e contexto histórico de cada região e cultura// Mas o ideal de maternidade como nós conhecemos hoje/

começou a se formar no século XIX/ durante a Revolução Industrial/ quando as mulheres foram gradualmente retiradas do mercado de trabalho/ para se dedicarem exclusivamente aos cuidados da casa e dos filhos// Essa "retirada" foi influenciada principalmente pela conveniência dos discursos médicos e religiosos/ que afirmam a obrigatoriedade da mãe em permanecer em casa para garantir a sobrevivência do filho/ e/ que o dever de cuidar da casa e dos filhos é responsabilidade da mulher/ respectivamente// E sim/ é responsabilidade da mulher mas não integralmente dela// Esses discursos marcaram o início da construção de um padrão ideal de maternidade, onde ser mãe passou a ser visto como a principal função e realização da mulher//"

> "Como não dá para aprofundar em todas as questões que sustentam o problema, convido a todos a lerem meu TCC//"

Primeiro bloco: PUERPÉRIO (20 minutos) Vitória Marques:

> "Escolham um sentimento para definir seu puerpério//

Durante esse período quais foram os principais **sentimentos** que vocês experienciaram? De que forma esses sentimentos foram julgados por vocês mesmas e pelas pessoas ao redor (marido, esposa, pai, mãe, irmãos, amigas)? Vocês se sentiram culpadas por terem estes sentimentos ou foram culpabilizadas, repreendidas? O que mais ouviam das pessoas durante esse período acerca dessa fase pós-parto?" **Contar uma breve história do seu puerpério//**

Segundo bloco: Culpa Materna (60 minutos) Vitória Marques:

> "Vocês lembram quando foi que vocês sentiram culpa materna pela primeira desde que se descobriram grávidas? Qual era o motivo da culpa? Por que vocês acham que ela surgiu? o que significa culpa materna para vocês? E agora para a gente dar uma boa risada, quando foi a última vez que você sentiu culpa materna e o motivo?"

Convidada 1 (Danny Silva, Enfermeira Obstétrica e Doula): "Danny/ quais são os principais fatores que você observa no seu trabalho que contribuem para a sensação de culpa materna no puerpério? Existem diferenças nos níveis de culpa materna entre mães de primeira viagem e mães com mais filhos?"

Convidada 2 (Alana Camara, Jornalista e Educadora Parental): "Como você analisa a influência das mídias (jornal, campanhas publicitárias, redes sociais) que promovem e incentivam um padrão emocional de maternidade e como elas impactam no cuidado que temos com os nossos filhos nesse período puerperal e posteriormente na educação que damos

a eles?"

Convidada 3 (Gina, Psicóloga): "Quais são os principais impactos da culpa materna na saúde mental e emocional das mães nessa fase? Você acha que a culpa materna pode afetar a relação entre mãe e filho? Como?"

Terceiro bloco: Lidando com a Culpa Materna (10 minutos)

****Pergunta para todas as convidadas:****

> "Que estratégias vocês recomendariam para lidar com a culpa materna?"

***Convidada 1 (Danny Silva, Enfermeira Obstétrica e Doula):** "Como o apoio da família e dos amigos pode ajudar a amenizar a culpa materna?"

Convidada 3 (Gina, Psicóloga): "Você recomenda algum tipo de terapia ou suporte profissional para lidar com a culpa materna?"

Convidada 2 (Alana Camara, Jornalista e Educadora Parental): "Quais são algumas práticas diárias ou rotinas que podem ajudar as mães a lidarem melhor com a culpa?"

Quarto bloco: Maternidade e Maternalismo

Vitória Marques: "Eu gostaria que vocês trouxessem a visão de maternidade e maternalismo como mãe e profissionais da área/ como cada profissão enxerga o conceito de cada termo// Vocês se encaixavam no padrão emocional ideal no período do puerpério? Como o conhecimento a partir da profissão contribuíram para construir esse emocional e também contribuíram para lidar com seus sentimentos de culpa perante esses estados emocionais? O que vocês não sabiam na época e souberam depois de adquirir conhecimento sobre maternidade? O que a sociedade espera delas como mãe em seus respectivos cargos? Para finalizar nossa conversa/ que conselho vocês dariam para as mães que estão nos assistindo e se sentem sobrecarregadas pela culpa materna?"

Quinto bloco: Encerramento (5 minutos) Vitória Marques:

> "Gostaria de agradecer imensamente às nossas convidadas por compartilharem suas experiências e conhecimentos. Esta conversa foi extremamente rica e, com certeza, ajudará muitas mães a se sentirem menos sozinhas e mais compreendidas.

> Muito obrigado a todos que nos acompanharam ao vivo. Se você conhece alguém que pode se beneficiar deste conteúdo, não deixe de compartilhar.

> "Para mais informações acerca da minha pesquisa/ entrem em contato comigo para a

leitura do meu memorial// e recursos sobre culpa materna e saúde mental no puerpério, visitem [site ou redes sociais]. Agradecemos novamente às nossas convidadas e a todos vocês que nos assistiram."

APÊNDICE D - FICHA TÉCNICA

FICHA TÉCNICA

Produção	Vitória Marques
Apresentadora	Vitória Marques
Entrevistada	Alana Camara
Entrevistada	Danny Silva
Entrevistada	Gina Carvalho
Edição	Vitória Marques
Roteiro	Vitória Marques
Imagens	Petrocom
Gravação	Petrocom
Música	Kevin MacLeod - Incompetech
Efeito Sonoro	Pixabay

Trabalho de Conclusão de Curso

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
Departamento de Ciências Humanas (DCHIII)
Jornalismo em Multimeios

Orientadora:
Dr^a Dalila Carla dos Santos

APÊNDICE E - PLANILHA DE CUSTOS

SERVIÇO/PRODUTO	VALOR
ESTÚDIO	R\$ 380,00
TRANSPORTE	R\$ 170,50
ALIMENTAÇÃO	R\$ 92,00
GOOGLE DRIVE	R\$ 81,98
CAPCUT PRO	R\$ 32,90
TOTAL	R\$ 757,38

APÊNDICE F - LINK DO VIDEOCAST

LINK DO VIDEOCAST

<https://youtu.be/gg5QIRI805A>

APÊNDICE G – CAPA/ ARTE

